



Priscila Gorzoni

Abre as portas para os Santos Reis! é obra que vem ao encontro de um dos propósitos centrais da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul: o resgate do patrimônio histórico-cultural imaterial de nosso município.

A Folia de Reis é exemplo inquestionável do que vem a ser o patrimônio histórico-cultural imaterial. Expressão artística de raízes populares, nascida da fusão entre elementos portugueses datados da Idade Média e costumes brasileiros vindos dos tempos coloniais, a festa que se encerra no dia 6 de janeiro ajuda-nos a compreender a formação e o caráter do nosso povo, não por meio de algo materialmente palpável, mas através de produção do espírito brasileiro.

Priscila Gorzoni encontrou essa manifestação de brasilidade em São Caetano do Sul. Retratou-a na forma de livro. Tal retrato escrito das atividades dos foliões sancaetanenses é a um só tempo original e importante. Original porque ninguém, em nossa cidade, jamais acompanhou tão de perto o folguedo dos devotos dos Santos Reis. Importante porque o registro da Folia de Reis em nossa terra revela e reforça a ligação fundamental de São Caetano do Sul - ligação da qual derivou também parte de nosso progresso, construído pelas mãos de migrantes mineiros e nordestinos, entre outros - com as demais regiões do país.

É, portanto, com imensa satisfação que apresentamos ao leitor, nas páginas que se seguem, um pouco do Brasil engastado no barro do Tijuçu!

Abre as portas para os

Santos Reis !

Sonia Maria Franco Xavier

*Presidente da
Fundação Pró-Memória de
São Caetano do Sul*

Abre as portas para os

Santos Reis !



Fundação Pró-Memória
São Caetano do Sul



Priscila Gorzoni

Abre as portas para os
Santos Reis !

A história da Folia de Reis em São Caetano do Sul

Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul
Dr. José Auricchio Junior

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul
Sonia Maria Franco Xavier- Presidente

Avenida Dr. Augusto de Toledo, 255 - Santa Paula
São Caetano do Sul - SP
CEP 09541-520
(11) 4221-9008 4221-7420
www.fpm.org.br
E-mail: fpm@fpm.org.br

ISBN 85-86788-28-7

GORZONI, Priscila

P69a Abre as portas para os Santos Reis !, A história da
Folia de Reis em São Caetano do Sul. Priscila Gorzoni -
São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São
Caetano do Sul, 2006. 224 p. Série Cadernos de
História

1. Folclore - Brasileiro - Folia dos Santos Reis
2. Folia de Reis - Tradição e crença popular
3. Tradição e crenças - São Caetano do Sul

CDD. 390.9816

Ficha catalográfica composta por Jussara Ferreira Muniz
Série Cadernos de História

Projeto Editorial
Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Direção
Prof. Sonia Maria Franco Xavier

Secretaria e organização
Maria Aparecida M. Fedatto

Projeto gráfico e capa
André Luis Balsante Caram

Capa: Foto de Priscila Gorzoni

Revisão dos textos e correções
Alexandre Toler Russo
Cláudia Carleto Monteiro

Produção e editoração
Integração Ponto a Ponto
Antonio Devanir Leite Júnior - Mtb 19.866

Formato
23 x 16 cm
Miolo papel couchê 90g
Capa papel suprema 250g

Impressão
Palas Athenas

Janeiro/2007.
Direitos Reservados à
Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Séries Cadernos de História, Documenta e Ensaios

Direção: Prof. Sônia Maria Franco Xavier

Volumes Publicados:

1. José de Souza Martins, *Diário de Fim de Século. Notas sobre o Núcleo Colonial de São Caetano no século XIX*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
2. *8º Grupamento de Incêndio 32 anos de História*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
3. Yolanda Ascencio, *Meio século de Legislativo em São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998. 2ª edição revista e ampliada, 1999.
4. Sônia Maria Franco Xavier (org.), *Jayme da Costa Patrão...um traço marcante na autonomia*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1998.
5. Rui Ribeiro, *Notas de Realejo. Estudos sobre Literatura e MPB*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
6. Guido Carli, *Stí ani gera... cussi (Antigamente era assim)*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
7. Agvan de Andrade Matos, Rosemeire Bento Simões (org.), *Cotidiano Redescoberto, alunos desvendam a História no Bairro Prosperidade*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul: Escola Estadual Laura Lopes, 1999.
8. *Anais do III Congresso de História do ABC. A Sombra das Chaminés. A Produção da Cultura no ABC*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 1999.
9. Deliso Villa, *História Esquecida*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, 2000.
10. Eliane Mimesse, *A Educação e os Imigrantes Italianos: da escola de primeiras letras ao grupo escolar*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2001.
11. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, *Um olhar poético sobre São Caetano*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2002.
12. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, *Vozes da Vizinhança - Os bairros de São Caetano por seus moradores*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2003.
13. José de Souza Martins, *O Imaginário na Imigração Italiana*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2003.
14. Mario Del Rey, *História da Maçonaria em São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2004.
15. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, *Jardins de Infância: registros das escolas infantis de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2004.
16. Alexandre Toler Russo, *Caminhos da Fé. Itinerário dos templos religiosos de São Caetano do Sul*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2004.
17. Mário Porfírio Rodrigues, *Um Jornal, Uma Vida - A saga do Jornal de São Caetano e outras mais*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2004.
18. Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, *Cantos e Recantos*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2006.
19. André Luis Balsante Caram e Neusa Schilaro Scaléa, *Pegoraro*. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória, 2006.

Este livro integra o Projeto Editorial da Fundação Pró-Memória, do período administrativo 2005-2008 (prefeito José Auricchio Júnior), cujo objetivo é resgatar a História do Município e da região através da publicação de pesquisas e documentos inéditos.

Aos

meus familiares: Odin, Deci,
meu avô Primo Gorzoni e
o pessoal da Folia de Reis...



"Ó de casa, nobre gente,
Escutai e ouvireis,
Lá das bandas do Oriente
São chegados os Três Reis!"

(Trecho retirado de Festas e Tradições Populares do Brasil, Melo Morais Filho.)

Agradecimentos

Antes de começar a contar a história da Folia de Reis em São Caetano do Sul, é preciso agradecer às pessoas que acreditaram nesta minha paixão pelas tradições de nossa terra. Uma delas é a Sonia Xavier, que desde minha descoberta sobre o tema deu força ao trabalho e vibrou com ele. Sem ela e sem o patrocínio da Fundação Pró-Memória não teria sido possível a elaboração deste livro-reportagem. Não posso, aliás, esquecer-me do pessoal da Fundação Pró-Memória: Reginaldo, por ter fotografado os anexos; Sandra, Fabiola, Cidinha, Jussara e Cris, que me ajudaram nas pesquisas, dando idéias ou auxiliando nas consultas aos jornais. Agradeço também ao pessoal da Folia: *seu* Olegário, Onofre, Wilson, dona Leonora, Luís Carlos, dona Maria (caixeira), bem como a todos os outros que tiveram a paciência e o carinho de me receber em casa, nas reuniões e nos acontecimentos envolvendo a Folia de Reis na cidade. Também agradeço ao historiador José Odair, que me forneceu informações históricas fundamentais.

O principal objetivo deste livro-reportagem é deixar documentada a história desse folguedo, tímido em nossa cidade, mas nela presente desde o final da década de 40. E, o mais importante, levar as autoridades a patrocinar e a dar atenção a essas manifestações cada vez mais obscurecidas pela globalização, tecnologia e falta de novas gerações interessadas em continuá-las. Afinal, o patrimônio cultural de um povo é a sua expressão em construções, artefatos, costumes, tradições, técnicas, saberes e festas. Expressões em que reconhecemos nossa vida, nossa história e nossos valores. *“A Folia de Reis é patrimônio cultural de caráter imaterial e objeto de preservação, uma vez que representa uma expressão da cultura religiosa popular na qual estão presentes religião, arte, relações de amizade e solidariedade”*, resume José Odair da Silva.

Apresentação

Acompanho há algum tempo o trabalho da jornalista Priscila Gorzoni, na sua admirável perseverança em pesquisar e divulgar as nossas manifestações de cultura espontânea, especialmente no Estado de São Paulo.

Não se conta - ainda raras são as exceções - com profissionais preparados para reportar, com acerto, os eventos folclóricos ocorrentes nas diversas regiões do Brasil. A mídia mostra-se mais inclinada a valorizar o "popular-comercial", a cultura de consumo, da moda, muitas vezes arremedo do que há lá fora, esquecendo-se de que os costumes populares espontâneos, sem interferência dos outros tipos de cultura, revelados no seu modo de pensar, sentir e agir, a cultura não manipulada, é o retrato sem retoque, é a feição do povo brasileiro.

É pois com grata surpresa que assistimos ao lançamento de *Abre as portas para os Santos Reis!*, consistente estudo sobre importante manifestação folclórico-religiosa tradicional, aqui chegada através de Portugal.

Em linguagem leve e atraente, a autora desvela os caminhos da História, guiando o leitor ao encontro do conhecimento e da compreensão da cultura popular espontânea, esse contexto cultural pouco valorizado muitas vezes, mas que é, afinal, como bem ressalta a pesquisadora, o marco de nossa identidade cultural.

Este livro-reportagem vem enriquecer o saber de quantos reconhecem o Brasil festivo na sua singela vivência rural e urbana e, acima de tudo, agregadora.

Maria do Rosário de Souza Tavares de Lima
Associação Brasileira de Folclore
Museu Rossini Tavares de Lima
São Paulo-SP



2

“A Folia de Reis é uma tradição mineira e nordestina. Ela recebeu o nome popular de Folia de Reis, mas o certo seria chamá-la de Festa da Epifania. Trata-se de tradição que mistura religião, folclore e que tem a finalidade de angariar doações. Ainda em alguns países é costume presentear os filhos no dia 6 de janeiro, justamente a data em que o Menino Jesus recebeu os presentes dos Três Reis Magos. Quando eu era pequeno recebia meus presentes nesse dia. Mas, infelizmente, hoje em dia esse costume não está tão difundido como antigamente. A tradição está acabando”, relata padre Rubens, da igreja de Vila Palmares, em Santo André.



3

Folias ao lado de ternos¹. Companhias são designativos de ranchos, grupos de pessoas que se deslocam acompanhados de instrumentos e cantos. Cumprem sempre os mesmos rituais de chegada e despedida, visitando os amigos e os devotos, atendendo aos pedidos e tirando promessas.

1. Termo próprio da Folia de Reis



Chegada da Folia de Reis

4

“A Folia de Reis encontra-se dentro do ciclo natalino, que corresponde ao período de 24 de dezembro a 6 de janeiro, quando ocorrem festas em todo o Brasil comemorando o nascimento de Jesus Cristo. Dentre as principais características dessas encenações, destacam-se personagens que simbolizam idéias abstratas como Amor, Esperança, Liberdade, além de representações de santos e anjos” (sic).

(Trecho do livro *Dança, Brasil!: Festas e danças populares*, de Gustavo Côrtes.)



5

“Santos Reis tá despedindo
Da terra do Oriente
Para ver Jesus Menino
Nosso mestre onipotente

Visitando as casas...” (sic).

(Trecho da saída da bandeira do grupo de Folia de Reis do Alto do Baeta.)

Sumário

	Introdução	26	
1.	A Folia de Reis e suas manifestações pelo mundo	40	
2.	Os Três Reis Magos	48	
3.	História da Folia de Reis no Brasil	58	
4.	Caracterização da Folia	64	
5.	A Folia de Reis no ABCD	70	
6.	Folia de Reis em São Caetano do Sul	76	
7.	Memória de <i>seu</i> Olegário: o líder do primeiro grupo em São Caetano	84	
8.	Chico Carro, Tangará e Pavão do Norte	92	
9.	O pessoal da Vila Inhocunhé	104	
10.	A Folia de antigamente na visão de <i>seu</i> Honorato e <i>seu</i> Joãozinho	110	
11.	Saudades de <i>seu</i> Benedito e <i>seu</i> Nilton	120	
12.	As histórias da caixeira <i>dona</i> Maria e da cantora <i>dona</i> Adalina	126	
13.	<i>Seu</i> Onofre: um dos marungos mais antigos	132	
14.	Wilson: os simbolismos da bandeira, Tangará e Pavão do Norte	140	
15.	De Varginha para São Caetano	148	
16.	Uma família de foliões	156	
17.	Personagens atuais da Folia de Reis. Histórias de vida e depoimentos	164	
18.	O pessoal da Vila Baeta	174	
19.	A história da cantora e da bandeireira de Folia de Reis		
	Uma visão feminina sobre a folia	182	
20.	A rotina de um grupo de folia	196	
21.	No Domingo	202	
	Bibliografia		



6

“Meu senhor dono da casa
Meu senhor dono da casa
Santos Reis lhe visitando
Santos Reis lhe visitando
De visita ele pede oferta
A bandeira está girando, ai, ai, oi, oi
A gente vai agradecer patrão
Deus lhe pague a boa oferta
Deus lhe pague a boa oferta
Que vos deu de coração
Que vos deu de coração

Santos Reis que lhe ajuda
Santos Reis que lhe ajuda

Santos Reis tem sua presença
Santos Reis tem sua presença

Ele tem alegria
Viva o dono dessa casa
Viva o dono dessa casa

Viva a nossa companhia...” (sic).

(Trecho de canção de Folia cantado pelo Trio Carreiroiro e por Pavão do Norte.)

Introdução

A primeira vez que vi um grupo de Folia de Reis em ação foi em São Thomé das Letras, uma cidadezinha do sul de Minas Gerais, durante uma de minhas matérias. Era então um tranqüilo 26 de dezembro quando ouvi som de viola e toque de sanfona vindos da janela. Curiosa, olhei para fora e avistei vários homens e crianças vestidos com roupas de chita e chapéus com fitas coloridas. Adiante do grupo iam 3 deles: dançavam e assustavam a criançada com a máscara de crina de cavalo que portavam. Descobri que se tratava dos marungos ou, como falam aqui em São Caetano, bastiões, cuja função é assustar mesmo. Depois desse grupo avistei outros. Eles se espalhavam pela cidade toda e vinham de todas as regiões. Cada um com uma identidade própria e especial. Um dos membros do grupo carregava uma bandeira, toda enfeitada, na qual figuravam o nome da companhia, fitas coloridas, fotos de devotos, imagens de pessoas, os Três Reis Magos e o Menino Jesus. As roupas, de colorido variado, eram de chita, tecido muito comum nas roças e cidades pequenas de Minas Gerais. As músicas possuíam letras especiais, que contavam o nascimento de Jesus e a visita dos Três Reis Magos. Eram

vários grupos de Folia de Reis. Cada um passava em uma casa, pedindo licença para entrar e cantar em frente ao presépio. Quem ia na frente para pedir licença era o marungo. Concedida a entrada na casa, o grupo sacava da viola e começava os versos. Entrava cantando dentro da casa e, diante do presépio, continuava a cantoria. Isso durava o dia inteiro, e as andanças continuavam, até o dia 6 de janeiro, quando era feita a festa da chegada. Nesse dia o pessoal enfeitava as ruas e os participantes do grupo compravam doces caseiros com o dinheiro angariado nas andanças. Durante 4 anos acompanhei todos os 10 grupos que visitavam São Thomé e, nessa época, conversando com adultos e crianças, descobri, na Folia de Reis, não apenas uma devoção, mas uma paixão que ultrapassa qualquer dificuldade. Algo que nasce com o pai e continua com o filho: quase uma promessa.

Praticamente natural de São Caetano, sempre quis descobrir grupos de Folia de Reis na cidade e escrever um livro-reportagem. Eu tinha certeza de que encontraria aqui a história desse folguedo. Não foi fácil, mas encontrei. Em minhas buscas, o que eu ouvia de todas as partes era o desconhecimento da existência da Folia de Reis. Para meu espanto, muitas pessoas confundem-na com o Carnaval. Há um ano, após caçada sem trégua, encontrei um grupo que voltava a atuar na função. Parte de seus integrantes tinha ascendência mineira e envolvimento com a primeira companhia local de Folia de Reis, datada dos anos 50. Quase todos os fundadores e participantes do primeiro grupo de Folia de Reis de São Caetano já morreram. Sobraram apenas José Honorato, Joãozinho e *seu* Olegário, negro forte e simpático de Três Corações, sul de Minas Gerais. É exatamente nele que centralizei a história da Folia de Reis de São Caetano do Sul. Foi *seu* Olegário um dos fundadores de um dos primeiros e mais longevos grupos de Folia de Reis de São Caetano, o da Vila Gerty, que esteve ativo de 1950 a 2004. Descobri que em São Caetano a chegada desse folguedo natalino aconteceu no fim da década de 40, coincidindo com a vinda para este município de gente das várias cidades do sul de Minas Gerais e do interior de São Paulo. Foi essa gente que trouxe para cá a tradição e cultivou-a até os dias atuais, como meio de fortalecer a identidade cultural. Atualmente São Caetano conta com apenas um grupo de Folia de Reis, a Companhia de Santa Cecília de São Caetano do Sul, que mantém em seu quadro alguns componentes da primeira companhia da Vila Gerty.

Torço para que *seu* Olegário reaviva a Folia da Vila Gerty, mas isso ainda é coisa incerta. Quando encontrei os integrantes da Santa Cecília, eles haviam acabado de formar uma equipe e de confeccionar uma nova bandeira baseada na original de *seu* Olegário. Afinal, grupo de Folia sem bandeira não existe. Ela é fundamental no evento. Fui a alguns ensaios do grupo (iniciado no final de novembro/início de dezembro de 2005) e, claro, entrevistei e convivi com vários participantes e ex-participantes dele. Foi desse trabalho que retirei os textos para este livro-reportagem. Esta é a minha maneira de escrever sobre a Folia de Reis, folguedo que luta bravamente para sobreviver à globalização, à falta de patrocínio, à falta de reconhecimento político e à ignorância geral. Em todo esse convívio percebi a importância de manter viva essa tradição, não só por ela ter muito a nos ensinar, mas porque fala de nossas raízes e crenças religiosas.

Meu trabalho é um livro-reportagem que se baseia em pesquisa, vivência e, principalmente, história oral, não só pelo fato de que existem poucos documentos escritos sobre o assunto em São Caetano, mas porque nada é mais real do que a voz popular. O livro é uma tentativa de não deixar a tradição acabar; afinal, a Folia de Reis é a manifestação mais autêntica do Natal. Fora isso, é um patrimônio imaterial, pois através dela mantemos nossa identidade cultural, nossa história e compreendemos melhor o real sentido dessa época do ano.

São Caetano do Sul, 12 de fevereiro de 2006.



7

O Dia de Reis marca oficialmente o fim do ciclo natalino, terminando com a queima das lapinhas, a retirada dos presépios e a apresentação de autos tradicionais, como os bois natalinos, as marujadas e as pastorinhas.



8

Ilustração

Mapa

Situando de onde vieram os pioneiros da Folia em São Caetano do Sul

Olegário Guerra - Três Corações.

Pavão do Norte e Tangará - Santa Rosa do Viterbo, interior de São Paulo.

Chico Carro – Guaxupé.

São Caetano do Sul.



9



10



11

“Nessa época do ano fico tão saudosos da velha Folia de Reis. Fui criado nela. Desde menino acompanhava meu pai, por essas roças de Minas Gerais, cantando Folia de Reis. Eu ia na frente, levando as ofertas que a gente recebia. Era tanto garrote, porco, queijo. Tinha fartura naquela época”, lembra Olegário Guerra, fundador de um dos primeiros grupos de Folia de Reis de São Caetano.

*Chico Carro com o lenço no pescoço e seu Olegário na Rua Porto Calvo
Primeira Folia de Reis de São Caetano na década de 1950/1960 na Vila Gerty*



12

Reisado é a denominação dada ao grupo que canta e dança na véspera do e no Dia de Reis. Essa designação também se refere aos grupos, ternos ou ranchos que festejam o Natal e a chegada dos Três Reis Magos.

1. A Folia de Reis e suas manifestações pelo mundo

Não se sabe ao certo quando nasceu a Folia de Reis no mundo (provavelmente na Idade Média). Todavia, desde os tempos mais remotos, a festa popular dedicada à visita dos Três Reis Magos ao Deus Menino é comemorada no dia 6 de janeiro em toda a Europa, especialmente em Portugal, França, Espanha, na Bélgica, Alemanha e Itália. Em Portugal, a Folia é chamada também de Reisado, ou ainda Reiseiro, que tanto pode ser um cortejo de pedintes cantando versos religiosos como um auto sacro com motivos sagrados da história de Cristo. Lá, as 12 noites da festa são conhecidas como Janeiras, nome também usado para designar as cantigas populares cantadas no Dia de Ano Bom (primeiro de janeiro). Na Península Ibérica, o Dia de Reis é o momento de dar e receber presentes. Com indumentária própria, os grupos de Folia de Reis visitam os amigos ou pessoas conhecidas, na tarde de 5 de janeiro (véspera de Reis), cantando, dançando ou apenas entoando versos alusivos à data e solicitando alimentos ou dinheiro.

É na Alemanha, mais precisamente na catedral de Colônia, que se concentra a maior veneração aos Reis Magos. Atrás do altar-mor dessa

catedral há um cofre trabalhado em ouro onde, segundo a tradição, estão os restos mortais dos Três Reis Magos. Considerada uma das mais belas obras de ourivesaria da Idade Média, o cofre apresenta, em alto relevo, as imagens dos Três Magos, cada um com o seu presente a Jesus. “Segundo a tradição, os ossos dos Reis Magos foram levados para Constantinopla no início do século IV, por Helena, mãe do imperador Constantino, que se converteu ao Cristianismo no ano 300, interrompendo as perseguições aos cristãos em Roma e oficializando a religião no Império Romano”, lembra José Odair, historiador. De Constantinopla, os restos mortais foram transferidos para Milão, pelo bispo Eustórgio, que os sepultou numa igreja especialmente construída para esse fim. Finalmente, no ano de 1164, as relíquias foram retiradas de Milão, como “presas de guerra”, e levadas para Colônia pelo arcebispo Reinald Dassel, chanceler do imperador Frederico I, o Barba Roxa. A partir de então, teve início o grande movimento de peregrinos a Colônia, o que exigiu a construção de uma grande catedral, iniciada em 1248 e concluída somente em 1880.

O que é?

A Folia de Reis faz parte de um ciclo de festas que começa no Natal. O Natal é uma data festiva, um arranjo, uma conveniência inventada pela Igreja e enriquecida através dos tempos pela incorporação de hábitos e costumes de várias culturas. “A Natividade nasceu no dia 25 de dezembro e foi oficializada no início do século IV, como uma ardilosa manobra dos cristãos para ofuscar as festividades que naquela data comemoravam os adeptos do ‘Mitrismo’, culto pagão a Mitras, o deus da luz dos persas”. Um ano antes de Cristo vir ao mundo, a maioria dos romanos já celebrava o “natalis solis invicti”, o nascimento do invencível deus sol, no dia 25 de dezembro. “Para se impor ao ‘Mitrismo’, os cristãos deslocaram o nascimento de Jesus até essa data e confiaram na força desse silogismo. O fato é que, a partir de 337, com o imperador Constantino convertido ao Cristianismo e tornada essa religião a oficial do Império Romano, os festejos natalinos se espalharam por todas as regiões dominadas por romanos”. A Folia de Reis, também chamada de

Festa da Epifania (amanhecer da luz do dia), simboliza o menino que, ao nascer, já é rei, Deus e homem, qualidades expressas nos três presentes dos Reis Magos: ouro (realeza), incenso (divindade) e mirra (humanidade).



13

O surgimento dos autos natalinos é atribuído a São Francisco de Assis, que teria realizado a primeira apresentação viva de um presépio, no ano de 1223.



14

“....Vinte e cinco de dezembro, ai, ai, ai,
Não se dorme no colchão, ai, ai, ai,
Nasce o Deus Menino, ai, ai, ai,
Nas folhas secas do chão, ai, ai, ai,
Para a nossa salvação, ai, ai...” (sic).

2. Os Três Reis Magos

Segundo Heródoto, os magos eram originários de uma tribo meda na qual os homens mais importantes desempenhavam funções sacerdotais na religião persa. A astrologia era uma das principais ocupações sacerdotais dos persas, e o povo atribuía aos sacerdotes força e conhecimentos secretos em razão das previsões que eles faziam para o futuro. Desse modo, mago passou a ser sinônimo de feiticeiro nas obras astronômicas gregas. Por outro lado, é muito difícil saber se os magos eram sacerdotes persas ou astrólogos babilônicos. Tanto uns como outros acreditavam na influência dos astros sobre os acontecimentos terrestres, assim como na sua ação anunciadora dos eventos benéficos e maléficos. Quanto aos Três Reis Magos, sabe-se pela bíblia que moravam no Oriente, o que pode significar Arábia, Mesopotâmia, Babilônia e Pérsia. Analisando os prováveis caminhos por eles percorridos, concluímos que, mesmo se tivessem partido do mais distante desses pontos, ainda assim teriam chegado a Jerusalém a tempo de assistir aos primeiros dias de Jesus. Por isso, é hábito comemorar a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus em 6 de janeiro. Entretanto, a escolha dessa data é uma

convenção religiosa. Na realidade, a visita deve ter ocorrido em outro dia e mês do ano. No Oriente, até o século IV, o nascimento de Cristo foi celebrado em 6 de janeiro. Assim também o início do Ano Novo foi, até 1564, comemorado no Natal. Na França, no reinado dos merovíngios, o ano começava em primeiro de março, dia da revista das tropas. Já no reinado dos carolíngios, as tropas eram revistadas no Natal; no dos capetos, na Páscoa.

Esses três acontecimentos: o nascimento de Cristo, o início do Ano Novo e a chegada dos Reis Magos, pela sua natureza religiosa, parecem datas comemorativas fixas inquestionáveis. Não é possível afirmar que tais fatos histórico-religiosos tenham ocorrido em outro dia. Conforme o evangelho de Mateus (escrito no ano 60), após o nascimento de Jesus vieram os Magos do Oriente a Jerusalém indagar pelo Rei dos Judeus, pois tinham visto a sua estrela e queriam adorá-lo. O déspota Herodes, alarmado com a pergunta, convocou os sacerdotes e os escribas do povo para saber onde deveria nascer o Messias, e eles responderam que em Belém. Conforme atesta Cícero, os magos formavam casta de sacerdotes exímios na arte de observar os astros e eram consultores dos reis do Oriente. A tradição cristã tomou magos por reis, devido ao salmo 72, no qual se diz que os reis de Társis e das ilhas iriam oferecer presentes ao Messias. Foi São Cesário de Arles (470-543) o primeiro a chamar os Magos de Reis. O fato é que, desde o século VIII, os artistas passaram a representá-los como personagens reais em número de dois, três, quatro, seis e oito. Só no século IX convencionou-se a referência ao número de três. São Beda, no século VIII, atribuiu nomes aos Magos, Gaspar, Melquior (Melchior) e Baltasar, e determinou que eles teriam vindo da Pérsia, da Caldéia ou da Arábia.

Quem foram eles?

Gaspar (aquele que vai inspecionar) é o rei negro perturbado com sua negritude. Tanto sofreu com o desgosto amoroso causado por sua amante, a loira escrava fenícia Bitínia, que o enganava com o compatriota Galeka, também escravo, que resolveu partir em peregrinação atrás de uma estrela misteriosa que o levou ao Menino Jesus, a quem

ofereceu incenso e no qual imaginou ver um bebê negro como o ébano.

Baltasar IV (aquele que protege), rei de Nippur, inflamado pela paixão de sua beleza, era um esteta consumado, que nas viagens colecionava obras de arte. Estas, porém, foram destruídas por sacerdotes que não admitiam a fabricação de imagens, pois diziam que, devido ao pecado, o homem perdera sua semelhança com Deus. Baltasar saiu em busca dessa semelhança e, então, encontrou Jesus. Desse modo ele pôde restabelecer a imagem do homem no Criador. Ofereceu mirra.

Melquior (rei da luz) é o jovem e pobre rei que, devido a um golpe de Estado desferido por seu tio Atmar, foge disfarçado em companhia de seu preceptor e consegue integrar-se aos outros Magos. No presépio, oferece uma moeda de ouro com a esfinge de seu pai, a única prova de que dispunha quanto a sua origem real e a sua herança legal ao trono de Palmirena. Desiludido com as vaidades terrenas, resolve ir para o deserto, dando início à primeira comunidade monástica, cuja única lei é o amor.



15

A Folia de Reis, também chamada de Festa da Epifania, simboliza o menino que, ao nascer, já é rei, Deus e homem, qualidades expressas nos três presentes dos Reis Magos: ouro (realeza), incenso (divindade) e mirra (humanidade).

Grupo de Folia da Vila Gerty na década de 1980



16

Para acordar os donos da casa, os marungos entoam:

 "...Ai que hora abençoada
 Que a bandeira aqui chegou
Ai, ela veio fazer visita a esse nobre morador
 A Folia aqui chegou
 Santos Reis vem visitar
 Está pedindo a sua esmola
Veja lá o que pode dar..." (sic).



17

"-Dá licença patrão!
-Pode chegar e cantar que eu sou devoto dos Três Reis Santos
Ai meu senhor dono da casa
Ai meu senhor dono da casa
Santos Reis lhe pede oferta
Santos Reis lhe pede oferta
-A gente vai agradecer patrão!
-Agradece a toda a família
Obrigada a boa oferta
E louva nossa bandeira
Abençoa a família inteira
Abençoa a família inteira" (sic).

(Música de Folia de Reis cantada por Pavão do Norte e Tangará.)

3. História da Folia de Reis no Brasil

No ciclo de Natal, do dia 25 de dezembro a 6 de janeiro, núcleos familiares agregam-se e, de casa em casa, pelas ruas e praças, nas mais variadas cidades do Brasil, visitam famílias, expressam a devoção ao Menino Jesus e revivem a viagem dos Três Reis Magos para Belém. A festa espalhou-se pelo Brasil, e foram os colonizadores portugueses que a trouxeram para cá, sem alterá-la. A Festa de Reis é organizada por devoção ou pagamento de promessa. O “promesseiro”, tendo a graça atendida, assume o compromisso de participar da Folia de Reis por 7 anos, podendo refazê-lo a cada múltiplo de 7. Toda Folia começa com uma promessa. Alguém pede a um santo a solução de um problema ou um pouco de dinheiro. Se alcança a graça, tem de organizar a Folia. “Algum conhecido procura o grupo da Folia e pede para sair em prol de sua promessa, que pode ser um agradecimento ou o pedido de cura de uma doença na família. Os pedidos nunca são rejeitados, pois Santos Reis é forte”, diz José Antônio Gonçalves, Zezé, 40 anos de idade e 20 anos de paixão pela Folia, paixão essa herdada dos pais e que agora tenta passar para o filho Alex. Zezé está há mais de 20 anos no

grupo Folião da Serraria, um dos mais antigos de São Thomé das Letras.

A crença na Folia de Reis por todo o Brasil é forte. Ela aparece na maioria das cidades brasileiras. Guardadas as individualidades, as regras gerais são as mesmas. A devoção aos Santos Reis passa de pai para filho, de uma geração para a outra, mantendo-se presente principalmente em Minas Gerais, no interior de São Paulo e no Nordeste. Outrora manifestação rural, atualmente sua presença pode ser observada em centros urbanos como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. A presença da Folia de Reis no norte e noroeste paulista é tão expressiva que muitos dos municípios da região realizam grandes encontros de Reis, mobilizando mais de 50 grupos cada um. Fora isso, ao longo do tempo construíram-se vários mitos que ressaltam a presença dos Reis. Um deles é guardar sementes de romã na carteira, chamando a proteção dos Magos para que não falte dinheiro o ano todo. Em quase toda casa do interior há o nome dos Magos atrás da porta principal. Como foram visitantes ilustres, eles protegem contra ladrões.

Em várias partes do Brasil

Existe Folia de Reis em 93 cidades das 645 do Estado de São Paulo, segundo a Comissão Paulista de Folclore. No interior do Brasil, vários grupos saem pelas ruas da cidade e casas da roça com instrumentos musicais, tocando, dançando, cantando versos religiosos sobre a Natividade, os Reis Magos, os pastores a caminho de Belém. Os participantes vestem-se com calça ou saiote, guarda-peito, espelinhos e fitas coloridas. Na frente vão os marungos ou palhaços. Usando máscaras e roupas coloridas, fazem o papel de distrair Herodes para a visita dos Reis Magos a Jesus. E atrás vão os cantadores e tocadores de viola, sanfona, rabeca, caixa, adufe e triângulo. Em algumas regiões, como o Nordeste, incluem-se, entre os instrumentos básicos, os pífaros. Em outras localidades, como Encruzilhada, no interior de São Paulo, as crianças saem às ruas com o rosto pintado de carvão e com um saco de pano na cabeça, pedindo doces. Todos passam de casa em casa louvando com o seu canto o nascimento de Cristo. O Reisado ou Folia de Reis pode ser apenas a cantoria, mas pode também possuir enredos ou uma série de

pequenos atos, encadeados ou não. No entanto, geralmente, segue roteiro pré-determinado: a canção de chegada, o pedido, a licença, o agradecimento (pela doação recebida) e a despedida. A Folia de Reis também cumpre função cultural histórica. Através de sua performance, os participantes anunciam a chegada do Messias e homenageiam os Três Reis Magos. No Norte, o Dia de Reis marca o final do ciclo de Natal. Na cidade de Natal (RN), há uma festa muito concorrida na capela dos Reis Magos: é a Limpa, na qual são veneradas as imagens enviadas por el-rei dom José em 1725. Embora existam algumas diferenças de uma região para a outra, no Brasil a Folia de Reis começa no dia 25 dezembro e vai até o dia 6 de janeiro. Dentre os aspectos mais importantes da festividade está o da promessa: sem ela o grupo não sai.

Uma das causas das diferenças entre as Foliás de regiões diversas é, ao que parece, a distância que a Igreja sempre manteve da festa. “Mesmo sendo religiosa, acabou tachada de pagã pelos católicos conservadores. Pagão quer dizer reunião de pessoas da roça, e foram elas mesmas que fizeram a Folia de Reis nascer e crescer. A Igreja ficou longe, e a festa acabou sendo comemorada por leigos. Era muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre. Outra razão para o rótulo de pagã é que os religiosos não gostavam da ligação das Foliás com as festas que elas faziam ao visitar uma casa. Ninguém bebia muito nessas festas, mas, depois de passar pela vigésima casa, os foliões costumavam ficar bem alegres. Os religiosos que viam isso acabavam dizendo que os foliões eram mais fiéis à santa pinga do que a Jesus”, diz o historiador José Odair. No entanto, o que vemos hoje é uma comunhão entre Folia de Reis e Igreja: muitos grupos que costumam ir a Aparecida do Norte no intuito de pagar promessas levam a bandeira da Folia para ser benzida pelo padre.



18

“Agradeço a sua oferta
O presente da bandeira
Santos Reis tá abençoando
A sua família inteira

Agradeço o bom café
Que ofertou à companhia
Santos Reis lhe dê em dobro
O seu pão de cada dia...” (sic).

(Trecho retirado da música de agradecimento da Folia do Baeta Neves.)

4. Caracterização da Folia

A Folia é composta de no mínimo 12 e no máximo 30 pessoas. Essas pessoas normalmente são parentes ou amigos do responsável pela Folia e representam os soldados dos Reis Magos. Vestem roupas denominadas fardas, semelhantes a uniformes militares, e organizam-se a partir de critérios hierárquicos bastante rígidos, estabelecidos de acordo com a função de cada um.

Mestre ou Embaixador

O mestre (capitão ou embaixador) é a autoridade suprema, e todos lhe devem obediência. Recai sobre seus ombros toda a responsabilidade pelo grupo comandado. É ele que puxa os cantos, entoando a primeira e a segunda voz. O contramestre (respondedor) é o encarregado de repetir os cânticos aos outros e de recolher os donativos.

Bandeireiro

O alferes da bandeira (bandeireiro) é o encarregado de levar o símbolo máximo da Folia, confeccionado segundo critérios e condições de cada grupo. A bandeira é um estandarte de madeira, ornado com motivos religiosos, ao qual se tributa respeito. Passa-se a bandeira para o dono da casa, que, muitas vezes, leva-a a todos os cômodos, a fim de benzê-los.

Marungos, Bastiões ou Palhaços

Os palhaços (bastiões) aparecem em número variável - tradicionalmente de 1 a 3 - e são sempre divertidos e irreverentes. Esses personagens representam o mal. Sua caracterização faz-se com máscara confeccionada com pele de animal. Eles nunca podem estar adiante da bandeira, de sorte que se afastam um pouco da formação normal da Folia. Também representam os soldados de Herodes, rei que, segundo a bíblia, assim que soube do nascimento de Jesus, mandou matar todas as crianças da Palestina. Como José e Maria fugiram para o Egito com Jesus, fizeram os soldados de bobos, daí a explicação do papel do palhaço na Folia.

Contralto

O contralto é a terceira voz; o caceteiro, a quarta; o tipe, a quinta; o contratipe, a sexta; o tala, a voz aguda.

Andanças

Em sua jornada (giro), a Folia percorre ruas, estradas, vilas e povoados, cantando profecias. Peregrina por ruas à procura de acolhida ou em direção a algum presépio, cantando diante das casas, pedindo "abrigo" de portas. Os foliões fazem a saudação ao dono da casa, cantam as jornadas dos Reis Magos ou as passagens da vida de Jesus, finalizando tudo com agradecimento e despedida. Seu ciclo de apresentação

vai de 24 de dezembro a 6 de janeiro. O canto recebe o nome de toada e é em sentido responsarial, isto é, o mestre canta e o grupo responde.

Proibições

Algumas Folias não permitem a participação de mulheres. Outras, ao contrário, aceitam mulheres no papel de Virgem Maria, Rainha da Folia, Pastorinha, na função de porta-bandeira ou, ainda, como auxiliares dos cantores que fazem a voz em falsete, considerada difícil e cansativa para o homem.

Instrumentos

Os instrumentos da Folia variam de região para região e podem ser constituídos por farol, bumbo, caixa, chocalho, pandeiro, triângulo, sanfona, viola, rebeca e agogô. A queixada, por exemplo, é um instrumento do Centro-Oeste. Consiste numa mandíbula de burro que, quando batida, faz com que todos os dentes entrem em contato e produzam som semelhante ao do reco-reco. A quantidade de instrumentos varia conforme a situação financeira do grupo. Ao encerrar seu ciclo de apresentação, a Folia costuma dar festa para agradecer às contribuições recebidas.

Os Cantos

Nos cantos, não muda nunca a harmonia, mas apenas a letra. Sempre seguem toada de música sertaneja e iniciam-se com um canto de chegada. Depois, é feito um canto de louvação, realizado ao redor do presépio. No final, todos se ajoelham, e o mestre comanda uma série de vivas aos foliões, aos donos da casa, a Jesus e aos Reis Magos. Na sequência, vem o canto do peditório, quando se pede uma esmola. Canta-se depois o canto de despedida e, por fim, os foliões vão para outro lugar.



19

Os autos natalinos brasileiros, datados da Idade Média europeia,
para cá foram trazidos pelos portugueses.

Grupo de Folia da Vila Gerty, década de 90

5. A Folia de Reis no ABCD

No Grande ABC, a comemoração da Folia de Reis existe desde fins da década de 40. Segundo relatos, alguns grupos sobreviveram, enquanto outros desapareceram, na maioria das vezes, por conta do falecimento do líder e da falta de entusiasmo das novas gerações. Em Santo André, eles se localizavam no Bairro Cidade São Jorge, na Vila Linda, no Jardim Irene, no Bairro Santa Terezinha e na Vila Palmares. Atualmente, não se tem conhecimento de grupos originários da cidade. Em São Bernardo, entre as décadas de 40 e 50, surgiram grupos no Bairro Alvarenga, na Vila do Tanque, no Baeta Neves e no Riacho Grande. Um dos mais antigos é o do Alto do Baeta Neves, formado, no final da década de 40, em sua maioria por migrantes mineiros vindos de Guaxupé, sul de Minas Gerais. O grupo surgiu com a intenção de, através das festas de Reisado, resistir à destruição de sua identidade cultural. Em São Caetano do Sul, a primeira Festa de Reis foi registrada no jornal *News Seller* (atual *Diário do Grande ABC*) apenas na década de 60. Mas, segundo relatos orais, ela já acontecia na década de 50. No jornal também foram encontrados registros de que o primeiro grupo foi o do

Bairro Nova Gerty (antiga Vila Gerty), grupo esse resistente até o ano passado. No jornal *Folha de São Caetano* a manifestação só aparece noticiada em pequenas notinhas publicadas em 1980, 1981 e 1982. E, mais tarde, em 1994, fará parte de uma das notícias principais do *Jornal Sancaetanense*. Os jornais *Vida Gerti* e *O Arauto do Pentágono*, imprensa da cidade nas décadas de 50 e 60, não mencionam a manifestação do Reisado. Em São Caetano, o folguedo já existia no final da década de 40, quando grupos e moradores de cidades vizinhas, como do Bairro Baeta Neves e de São Paulo, visitavam as casas de São Caetano. Foi nessa época que moradores da cidade reuniram-se com esses visitantes e formaram um grupo aqui, que mais tarde se chamaria Folia de Reis da Vila Gerty. Esse grupo sobreviveu mais de 54 anos, desfazendo-se para tornar-se a atual Companhia de Santa Cecília de São Caetano do Sul. Do outro lado, em São Bernardo, o grupo do Baeta Neves continuava em atividade. Tornou-se tão conhecido na região que, em 1988, chegou a gravar um LP, patrocinado pelo Fundo de Assistência à Cultura de São Bernardo do Campo. Esse disco fez parte da divulgação do II Congresso de História do Grande ABC, com tiragem de 3 mil exemplares. O título escolhido para a obra foi Folia de Reis nos Campos de São Bernardo. Até a década de 80, existiam 5 companhias de Reis em São Bernardo. Atualmente, apenas 4 delas sobrevivem. As companhias de São Bernardo que existiam naquele tempo eram: Folia de Reis dos Magros do Bairro Alvarenga, formada em 1964 pela família de José Batista Filho, vindo de Monsenhor Paulo, sul de Minas Gerais, na década de 30; Folia de Reis do Parque Havaí, uma das mais novas, nascida em 1984, graças à família de Jerônimo Monteiro, natural de Muriaé, Minas Gerais; Folia de Reis da Estrada Galvão Bueno, do capixaba Geraldo Machado, no Bairro Batistini. Outro grupo que existiu na cidade foi o de Folia de Reis do Bairro Alvarenga, criado em 1963, por José Miguel Brandão, de Campanha. Desses estão atuantes apenas o Folia de Reis da Estrada Galvão Bueno, o Folia de Reis dos Magros e o Folia de Reis Estrela Guia. O grupo de Folia de Reis Alto do Baeta Neves está sem embaixador, por isso, parte de seus integrantes uniu-se à Companhia de Santa Cecília de São Caetano.



20

Foto do grupo do Baeta Neves

“Dá licença minha gente
Pra companhia chegar
Este presépio sagrado
Nós viemos adorar
Lá no céu seu sinal
Uma estrela apareceu
É a vista dos Três Reis
De quando Jesus nasceu...” (sic).

(Trecho de *Visitando o Presépio*, da companhia do Bairro Baeta Neves.)

Seu Olegário de Marungo, na década de 80, se ajoelha diante do presépio em casa da Vila Gerty

6. Folia em São Caetano do Sul

No final da década de 40, São Caetano começa a industrializar-se. Gradualmente, entra na era moderna das grandes fábricas e da mão-de-obra migrante. Atraídos por esse crescimento de emprego nas indústrias, milhares de migrantes, vindos de todas as partes do Brasil, especialmente do sul de Minas Gerais e do interior de São Paulo, mudam a paisagem da cidade. Os migrantes mineiros trazem sua mão-de-obra, mas não apenas isso: carregam ainda seus sonhos, costumes, lazeres e manifestações folclóricas. Praticá-los aqui passa a ser, não só uma maneira de recordar as raízes, mas também de manter as tradições e encontrar os conterrâneos.

A história da Folia de Reis em São Caetano coincide com a chegada dos mineiros e com a industrialização. Esses migrantes vinham de região na qual o folclore é mantido com seriedade e passado de geração para geração. Outro aspecto importante é que as populações vindas do sul de Minas e interior de São Paulo, nessa época, concentraram-se em alguns bairros da cidade, como Vila Gerty e São José, e também na Vila Palmares, divisa de Santo André com São Caetano do Sul. Foi

exatamente nesses bairros que os grupos de Folia nasceram e ganharam força. Isso porque ali estava o público: muitos participantes moravam no local. Segundo relatos dos participantes mais antigos, em 1948 já existia Folia de Reis em São Caetano, além de algumas poucas companhias que vinham das cidades vizinhas. O primeiro grupo de Folia de Reis formado em São Caetano contou com a participação de sancaetanenses e paulistanos. Naquela época, participavam da Folia local Pavão do Norte (Sebastião), Tangará (Geraldo Soares), João Pedro, Joaquim Marciliano e seus irmãos, Mané Matias, José Honorato Moreira, José Miguel Vilaça e Chico Carro - esse último morava aqui, mas às vezes saía com o pessoal de São Bernardo. "A primeira turma de Folia da cidade foi a do Chico Carro. Depois vieram Pavão do Norte e Tangará, com a turma de *seu* Olegário. Esses últimos formaram a primeira companhia da cidade", lembra Wilson Maria, 54 anos, desde os 9 na Folia e atual embaixador da Companhia de Santa Cecília de São Caetano do Sul. Segundo Zé Mangaia, 79 anos, morador da Vila Inhocunhé, quando chegou a São Caetano aqui já existia o grupo do Chico Carro, que aos poucos perdeu força e deu espaço para que se formasse novo grupo, no qual cantaram Pavão do Norte, Tangará, Mané Matias e Pedro Mangaia. "Somos de família mineira de Campanha. Então, quando meu pai veio para São Paulo, logo formou um grupo de Folia. Ele tinha um companheiro que morava na Mooca. Então, veio daí a idéia de vir para São Caetano. Aqui encontramos Tangará, Pavão e o pessoal do Chico Carro, e não passou muito tempo eles entraram em nosso grupo. Foi assim durante 12 anos". A partir do final de 1948, Chico Carro fez amizade com os foliões de São Caetano, que já pretendiam montar uma companhia aqui, e acabou se unindo ao pessoal da Vila Inhocunhé e de Pirituba. Cinco anos mais tarde, juntou-se à turma de Olegário Guerra, morador da Vila Gerty. Essa união resultou na formação do grupo de Folia de Reis que, 5 anos mais tarde, tornar-se-ia a Folia de Reis da Vila Gerty e contaria com a liderança de Olegário Guerra. Era então a década de 50. Hoje, *seu* Olegário lembra-se de como eram as saídas com a turma. "Primeiro saí com o grupo do Chico Carro. Eles já saíam aqui quando vim morar em São Caetano. Depois fui na Lapa, para ver os grupos de Folia de lá, e gostei muito do Tangará e do Pavão. Eles já eram uma dupla de cantores famosos. Ficamos amigos e, então, eu os trouxe para cá. Eles vinham de Pirituba pra cá cantar Reis na casa de seus parentes. Eles cantaram duas

noites, ficamos amigos e eu propus montarmos um grupo. Então passamos a sair todos juntos nos anos 50. Nessa época, São Caetano não tinha um grupo de Folia com integrantes só da cidade. Por isso, resolvi montar um. O grupo era grande, mais de 50 pessoas, e dava duas companhias em uma só”.



21

A Folia de Reis do ABCD nasceu entre as décadas de 40 e 50, com a migração dos mineiros, nordestinos e paulistas. Eles vinham em busca de emprego nas indústrias e traziam na bagagem tradições, costumes, músicas e folguedos. Essas manifestações tinham o objetivo de manter-lhes viva a identidade cultural.

Grupo Folia de Reis da Vila Gerty e de Chico Carro na década de 50



22

Na década de 50, São Caetano era bem diferente. A Vila Gerty possuía poucas casas, e o acesso a outros lugares era bem complicado. Mesmo assim, com sol ou chuva, os foliões de São Caetano saíam de madrugada para cantar em locais mais afastados, como o Bairro Mauá e a Vila Palmares.

7. Memória de Seu Olegário: o líder do primeiro grupo em São Caetano

É impossível contar a história da Folia de Reis de São Caetano do Sul sem tocar no nome de Olegário Guerra, 80 anos, 50 deles na Folia de Reis de São Caetano. Depois de muitas conversas e contatos, descobri *seu* Olegário morando em uma pequena casa com a mulher e os filhos. Foi ele quem criou o primeiro grupo da cidade; além disso, entende tudo de Folia de Reis. Esse mineiro alegre de Três Corações, sul de Minas Gerais, dirigiu-se inicialmente a Santos, em 1943, onde trabalhou durante 3 anos. Em seguida, veio para a Vila Alpina e, finalmente, para São Caetano, em 1948, convidado por um colega para trabalhar na Cerâmica São Caetano. “Trabalhei 7 anos e 6 meses na Cerâmica São Caetano. O resto trabalhei na Mercedes, como pintor de carros. Lá me aposentei”. Aqui ele está até hoje, morando sempre na Vila Gerty, bairro do qual foi um dos fundadores. “Vivo na Vila Gerty há mais de 50 anos. Aqui formamos o primeiro grupo de Folia de Reis da cidade”. Foi na região que ele conheceu Maria, sua esposa, e com ela teve 4 filhos. O casal conheceu-se em um casamento na Vila Alpina: foi amor à primeira vista. Tempos depois, *seu* Olegário veio morar em São

Caetano. “Meu pai foi dono de Folia de Reis e me levava desde pequeno (6 anos) em suas andanças pelas roças de Minas. Eu ia na frente, com um animal, levando os presentes ganhos nas casas. A gente ganhava boi, vaca e galinha. Naquela época era difícil: a gente tinha de andar, no barro, longas distâncias, sem luz elétrica, e dormir em qualquer lugar. Muito exigente, meu pai obrigava a gente a saber de tudo sobre Folia. Nunca dei fiasco. Lá em Minas é normal um grupo desafiar o outro. Uma vez aconteceu comigo, quando eu era bem menino. Me fizeram uma pergunta sobre o santo e eu consegui me sair bem”. Quando chegou a São Paulo, uma das maiores preocupações do tricordiano era encontrar companhias de Reis. “Em São Caetano não havia Folia de Reis. Eram grupos de fora que vinham pra cá. Por isso, todo final do ano voltava para Minas e lá acompanhava o grupo de meus parentes. Um dia, no final da década de 40, resolvi formar o primeiro grupo com integrantes da cidade. Depois de fazer contato com os grupos de Folia do Chico Carro, de São Bernardo, com Pavão do Norte e Tangará (dupla sertaneja da Rádio Pirassununga), de Pirituba, e com o pessoal da Vila Inhocunhé, criei um grupo com 30 pessoas. Fomos para várias partes do Brasil: Três Corações, Bom Jesus dos Perdões e Roseira. Todo ano o ônibus da prefeitura de Bom Jesus vinha buscar a gente aqui”. O grupo de *seu* Olegário não parava: ia a pé para todos os lugares. Muitas vezes saía de madrugada, embaixo de sol e chuva. “Mas a gente ia cantando pelas fazendas por aí. Naquela época, era tudo diferente: havia muito sítio e plantações de café. Algumas vezes a gente chegava a São Caetano e ia direto para o trabalho. O pessoal que vinha de Pirituba, Vila Inhocunhé e São Bernardo voltava para casa. Sinto muitas saudades. O pessoal não brigava. Todo mundo se dava bem e respeitava as regras da Folia”. Segundo *seu* Olegário, naquele tempo também havia muito ensaio e sacrifício. “No começo a gente se reunia, ensaiava, mas era difícil, porque ninguém tinha carro. Então, saíamos a pé ou de caminhão, enfrentando frio e matão. Nós não dormíamos nas casas, como no interior, mas deixávamos a bandeira no local. Após a cantoria, cada um voltava para a sua casa, dormia, acordava, ia trabalhar e depois voltava a cantar em outras casas”.

Apesar de tanta dificuldade, os foliões saíam todos os anos. Naquela época, a Folia de *seu* Olegário não ia a favelas, embora não existisse tanta violência como hoje. “Quando a gente chegava nas casas,

pedia licença. Se a pessoa deixava, a gente entrava; se não, dava meia-volta e ia embora. Algumas pessoas gostavam de nos receber, mas outras tinham medo, pois não conheciam a Folia de Reis. Por isso, a maioria das pessoas não dava doações, desconheciam o costume. Mas, com o passar do tempo, o pessoal passou a se acostumar”. Com o dinheiro das doações, *seu* Olegário ajudava os asilos e igrejas de sua cidade natal. “Uma vez prometi levar o dinheiro que conseguisse para a igreja de Nossa Senhora das Graças e para o asilo dos velhos de Três Corações. Entreguei lá 200 cruzeiros”. Fora isso, ele não perdia a oportunidade de fazer promessas para os Santos Reis. “Sempre consegui as graças. A mais difícil que alcancei foi dentro desta casa. Sempre com Deus na frente. Afinal, sem ele não fazemos nada”.

Embora saiba tudo sobre Folia de Reis, *seu* Olegário nunca quis ser embaixador. A vida inteira foi marungo ou palhaço. “Sei ‘embaixar’, mas não tenho voz para isso. O embaixador precisa seguir as regras. A principal delas é firmar o pensamento em Deus”. Mesmo na função de palhaço, *seu* Olegário sempre dominou o ofício, tanto que se saía muito bem nos desafios impostos pelos outros grupos de Folia. “Uma vez íamos descendo a rua do fórum, que antigamente chamava Rua Nova, quando de repente avistei a companhia do Baeta, mas não cruzei com ela. Mas, se tivesse trombado, não teria me preocupado, pois estava com dois marungos bons, perigosos, sabedores de seu ofício. É preciso saber das coisas, pois o pessoal costuma dar nó na bandeira, e a companhia só pode sair depois que desatá-lo”. Desde que começou na Folia de São Caetano, *seu* Olegário percebe grande diferença entre a Folia daqui e a de Três Corações, especialmente em relação ao respeito dos colegas, às regras e mesmo às doações. Até hoje ele se lembra da fatura que precedia a chegada do grupo a Minas. Era comum o pessoal receber boi, ovos e muito dinheiro. Tanto que com isso era feito o leilão da Festa de São Sebastião, no dia 20 de janeiro. No entanto, apesar das distinções, ele fica feliz com a recepção da Folia na cidade. “Toda a vida São Caetano valorizou a Folia de Reis. Um dos primeiros prefeitos a reconhecer a tradição foi o Braidó. Nós íamos cantando na Rua Manoel Augusto Ferreirinha quando ele parou o carro, pegou a nossa bandeira e disse: ‘Canta pra mim aí!’. Nós cantamos, e ele então bateu palmas. Foi assim que passou a pagar um carro para as nossas viagens e o lanche”.

Dona Maria, esposa de *seu* Olegário, também chegou a São

Caetano em 1943. Ela ainda era uma menina de 14 anos, recém-chegada de Ribeirão Preto, interior de São Paulo. “Não tinha prédio nem a Vila Gerty. Praticamente fomos os fundadores. Meu pai, que era cantor de Reis, também gostava muito de Folia de Reis, mas aqui nunca quis participar, por achar que não seria como no interior. Em Ribeirão, os foliões saíam na véspera do Natal e voltavam no Dia de Reis para a festa. Na minha infância, mesmo, não me lembro de grupos de Folia em São Caetano. Só vi depois, em 1947. Eram grupos de Pirituba que tinham parentes na cidade e vinham aqui para cantar nas casas. Nessa época meu pai sempre recebia o Chico Carro, o Tangará, o Pavão do Norte e o Mané Matias. Eles cantavam bonito. Mais tarde, o Olegário criou uma companhia”. Naquela época, dona Maria não era evangélica, por isso, sempre ajudava nas festas da chegada da companhia. “Nós juntávamos várias mulheres aqui na cozinha e fazíamos comida para os foliões. Era tudo muito animado. Depois da chegada, que era na (igreja) Candelária, a festa continuava no salão. O pessoal comia bastante e depois dançava até cansar. Nessa época, a dona Luzia era bandeireira e festeira. Ela fazia de tudo: ia atrás da comida e do caminhão que levava o grupo”.

Mais do que suas lembranças, o chamego maior de *seu* Olegário é com a bandeira, que ele guarda a sete chaves dentro do quarto de sua casa. “Trouxe essa bandeira de Três Corações. Foi a mesma de meu pai. Ela tem o desenho que ele criou. Com o tempo e o uso, fui retocando a pintura, enfeitando com flores e fotografias. Essa não empresto para ninguém”. Ao olhar a bandeira de *seu* Olegário, dona Maria lembra-se de quando foram buscá-la. “Foi na década de 50, quando fui pela primeira vez para Três Corações com o Olegário. Minha filha de 50 anos era uma criança ainda. Essa bandeira era velha. Estava jogada em um canto da casa da família dele. Então, nos deram, e Olegário se animou para formar a companhia. Assim, ela passeou todos esses anos pelas casas de São Caetano”. Da década de 50 a 2004, quando alguns dos integrantes de seu grupo migraram para a Companhia de Santa Cecília, *seu* Olegário comemorou ininterruptamente a Folia. “Da turma antiga sobrou apenas *seu* Honorato, Joãozinho e Ditão. Mas ainda tenho fé de continuar. Se Deus quiser vamos sair este ano”.



23

“Agradeço aos foliões
Que ajudaram na jornada
Com amor e devoção
Com a bandeira sagrada

Todo o povo comemora
25 e dia 6
Nascimento de Jesus
E a festa de Santos Reis” (sic).

(CD Folia de Reis Baeta Neves.)

8. Chico Carro, Tangará e Pavão do Norte

Quando chegou a São Caetano, no início de 1949, José Miguel Vilaça, mineiro de Guaxupé, logo quis saber se na cidade havia grupos de Folia de Reis. Ele já mantinha essa tradição com os pais e aqui acabou encontrando vários parentes envolvidos na manifestação. *Seu* Miguel lembra-se até hoje do primeiro grupo local de Folia, o do Chico Carro, seu cunhado. “No mesmo ano em que me mudei pra cá já encontrei o Chico Carro, que morava na Rua Porto Calvo, era embaixador e queria montar um grupo mais forte. Aqui não tinha uma companhia muito forte. Às vezes, o Chico tocava aqui; outras, com o pessoal do Baeta. Foi então que fui até à Vila Inhocunhé com um colega e conheci o pessoal de lá: Tangará e Pavão do Norte. Depois de muita conversa, eles se interessaram em vir para a Folia de São Caetano”. Segundo os relatos de Miguel, Pavão e Tangará vieram se apresentar à Folia da cidade no final de 1949. Depois, pararam, voltando somente após 5 anos. Nesses 5 anos, *seu* Miguel e os foliões da cidade saíam no grupo do Chico Carro. “Depois, eles ficaram direto conosco. Então, formamos um grupo aqui na Vila Gerty que passou a ser conhecido pelo nome de Folia do

Tangará. Nessa época, saíam várias pessoas, mas me lembro bem do Pavão, do Tangará e do Mané Matias (todos falecidos). Eram duas turmas que se revezavam na cantoria. Enquanto uma cantava, a outra descansava. Nós saíamos sábado e domingo, porque eram os dias em que o Tangará e o Pavão vinham para cá. Nos dias de semana, só saíamos à noite, das 19 às 22 horas. O Pavão ficou apenas 4 anos conosco. Ele morreu cedo e muito novo. Já o Tangará ficou por 12 anos aqui em São Caetano e só parou quando seu filho, que também tocava na Folia, faleceu. Ele ficou desgostoso com isso”. Hoje ninguém da família do Tangará quer falar. A esposa tornou-se evangélica. Naquela época, a companhia tocava em vários bairros da cidade, entre eles, Vila São José, Vila Arapuá, Vila Gisela, Vila Palmares e Vila Gerty, mas também em outros lugares, a pedido do então prefeito Oswaldo Massei. “O prefeito nos ajudava, às vezes, com lanches e condução. Mas, antigamente, o povo era mais religioso e levava mais a sério a tradição. Todo mundo era animado e nunca dava furo nos ensaios”.

Poucos detalhes *seu* Miguel conhece sobre Tangará. Segundo ele, o músico era quieto, não costumava falar da família nem da vida pessoal, mas tinha verdadeira devoção à tradição da Folia de Reis. Outro fato conhecido era sua amizade com Pavão do Norte, figura importante na história da Folia de Reis de São Caetano. Os dois conheceram-se novos e formaram dupla que fez muito sucesso no rádio nas décadas de 50 e 60.



Dupla Tangará e Pavão do Norte

Tangará e Pavão do Norte

Para conhecer um pouco sobre Pavão e Tangará, resolvi conversar com a esposa de Pavão, Leonora Ernesto da Silva, 80 anos, moradora até hoje da Lapa. Em uma de nossas primeiras conversas por telefone, ela me contou a breve vida de Pavão, que morreu cedo, com 38 anos, no dia 29 de fevereiro de 1972. Esse moreno claro, calmo, nascido em Santa Rosa de Viterbo, interior de São Paulo, começou a cantar cedo e casou-se bem jovem. Veio dessa época sua paixão pela Folia de Reis e pela Festa de São Gonçalo. “Nos casamos novos: eu com 17 e ele com 20 anos. No interior ou em São Paulo, ele participava de tudo e nos levava: eu e nossos quatro filhos. Era muito bom. Nós íamos muito para São Caetano, porque eu tinha muitos parentes por aí, na Vila Gerty e na Vila São José. Fora isso, havia muitas famílias de Santa Rosa por aí. São Caetano era muito diferente do que é hoje. Tinha cada festa na rua! Era muito bom. Como aqui em São Paulo não havia grupo de Folia, ele ia para Santa Rosa, saía por lá e depois vinha para São Caetano. Nós passávamos a noite nas festas e, no fim, ficávamos na casa de uma de minhas irmãs, na Rua Augusto Ferreirinha”.

Depois que conheceu Tangará na Fazenda Amália, em Santa Rosa do Viterbo, Pavão envolveu-se mais ainda com a Folia de Reis, pois o colega era mineiro e já trazia essa tradição no sangue. “Conheci o Pavão tocando em um baile na cidade com um sanfoneiro antigo de Santa Rosa. Ele tinha 15 anos. Ele era muito bom no cavaquinho, e o músico se interessou em convidá-lo para tocar. Depois o perdi de vista. Quando a mãe do Pavão morreu, ele era menino, e o pai, perdido, resolveu pegar ele e a irmã e vir para São Paulo. Eles ficaram por aqui durante quatro ou cinco anos, mas depois resolveram voltar para Santa Rosa. Pavão já estava com 20 anos. Nos conhecemos e nos casamos. Ele começou a trabalhar na fábrica de ácido cítrico da Fazenda Amália e foi lá que conheceu o Tangará”, lembra dona Leonora.

A vida de Pavão e da esposa foi um vaivém constante de São Paulo a Santa Rosa. Logo que casou, Pavão resolveu vir tentar a vida em São Paulo e para cá trouxe dona Leonora. “Vimos morar um tempo em São Caetano, na rua Manoel Augusto Ferreirinha no Bairro Cerâmica, na casa de uma irmã minha. Mas, quando perdi o bebê, Pavão largou tudo e, com a roupa do corpo, voltamos para Santa Rosa. Nossa vida era assim, e eu sempre acompanhava ele para onde fosse”. Voltando para Santa Rosa, Pavão e a esposa resolveram morar na casa da mãe de Leonora. Ele começou a trabalhar na Fazenda Amália. Algum tempo depois, quando Pavão já conhecia Tangará, ambos resolveram vir a São Paulo para tentar dar início a uma vida nova. “Inicialmente vieram os dois. Eu e a esposa do Tangará ficamos em Santa Rosa. Um dia depois, os dois conseguiram emprego na fábrica de biscoitos Mirabel, no Sumaré, alugaram uma casa e vieram nos buscar. Isso há 55 anos. Eu não queria vir, mas não teve jeito. Moramos todos na mesma casa”. Nessa época, eles já iam para São Caetano tocar Reis e tinham planos de formar uma dupla. Alguns anos depois, Pavão e Tangará formaram a dupla e começaram a tocar nas rádios da cidade. “Eles começaram a tocar em programas sertanejos na Rádio Piratininga. Depois de um tempo, o diretor da rádio conheceu o Pavão e propôs um programa de rádio para ele apresentar. Seria um programa em que os violeiros se apresentariam. Ele ficou durante dois anos apresentando o programa, todos os sábados. Vinha violeiro de todos os cantos do Brasil para ele selecionar.

Era uma beleza a Rádio São Paulo”.

Mas a vida de Pavão já estava marcada. Em 1970, ele teve um

derrame e começou a sentir os primeiros sintomas de esquecimento. “Nesse dia, ele ia apresentar o programa, mas não conseguia se lembrar do que precisava falar no ar. Ele chegou apavorado em casa, e, então, levei-o ao médico. O estado era tão grave que ele foi internado na hora. Depois disso veio a morte”, diz, com pesar, dona Leonora.



25

A Folia de Reis é uma festa religiosa de origem portuguesa que chegou ao Brasil no século XVIII. Em Portugal, em meados do século XVII, tinha a principal finalidade de divertir o povo, ao passo que aqui no Brasil passou a ter caráter mais religioso.

9. O pessoal da Vila Inhocunhé

Boa parte dos foliões dos primeiros grupos de Folia de Reis de São Caetano vinha da Vila Inhocunhé, Zona Leste de São Paulo. Muitos deles infelizmente já faleceram, mas ainda resta da turma antiga Albino Horácio, 79 anos, conhecido como Zé Mangaia, que se lembra bem das andanças. “Vim com minha família, aos 9 anos, de Campanha, sul de Minas, com o objetivo de conseguir trabalho para o meu pai nas fábricas de São Paulo. Moramos em Avaré e, depois, viemos para a Vila Inhocunhé, onde também formei um grupo de Folia. Mas naquela época, década de 50, não tinha Folia aqui. Pedro Mangaia, meu pai, tinha um companheiro na Mooca. Foi de uma visita a ele que surgiu a idéia de sair com Folia para São Caetano. Chegando na cidade conhecemos a Folia do Chico Carro e outros foliões como Pavão do Norte, Tangará e Mané Matias. Foi então que fizemos um grupo. A Folia do Chico Carro se desfez e o pessoal veio para a nossa, que também recebeu Olegário Guerra. Com o grupo fomos para vários lugares. Fiquei com a companhia 12 anos. Depois formei e saí na Vila Inhocunhé por 20 anos”.

O amigo de Zé Mangaia, Benedito Frausino (Ditão), 61 anos, natural da Fazenda Amália e morador de Inhocunhé desde a década de 60, lembra-se pouco do tempo que passou em São Caetano. “Quando comecei a freqüentar o grupo de Folia de Reis de São Caetano, os meus tios já vinham há mais de 30 anos. Isso prova que, com certeza, no final da década de 40 existia Folia de Reis em São Caetano”. Ele também recebeu a tradição da Folia de Reis dos familiares. Filho de pais e avós foliões, Ditão começou na Folia com 9 anos, vestindo-se de marungo. “Os meus tios e pais tinham conhecidos em São Caetano, e, naquela época, década de 70, não existia grupo de Folia aqui em São Paulo. Então, todos os anos, nós saíamos na Folia de *seu* Olegário. Conosco saíam também o Tangará e o Pavão do Norte, que como nós eram originários da Fazenda Amália”. Segundo Ditão, como todo mundo trabalhava, ele e mais 5 moradores da Vila Inhocunhé vinham para São Caetano na sexta à noite, dormiam na casa dos foliões daqui e saíam no sábado e no domingo. “Nós saíamos dia 6 ou 10 de dezembro. Não tinha dia certo. Ficava todo mundo: mulheres e crianças durante a noite inteira cantando nas casas. Era tanta gente que parecia haver duas Folias em uma. (...) São Caetano era só mato. Os lugares piores eram na Vila Palmares e para os lados da Rayovac. A festa de chegada também era bem diferente de hoje. Fazíamos em chácaras e barracões na Rua Visconde. Saímos em São Caetano até 1987, quando uma mulher do nosso bairro fez uma promessa e nos pediu para sair. Então, resolvemos montar o nosso grupo. Hoje contamos com 20 integrantes, mas está cada vez mais difícil sair. Tem vez que me esforço muito para isso”.



26

“Salve, os reis do Oriente!
Salve, o filho de Maria!
Salve, o anjo Gabriel!
Salve, a nossa estrela guia!

Já louvamos o presépio
Retornamos a jornada
Voltamos para o Oriente
Seguimos por outra estrada...” (sic).

(Trecho do CD Folia de Reis do Baeta Neves.)

10. A Folia de antigamente na visão de seu Honorato e seu Joãozinho

Mesmo diante de tantos instrumentos musicais na Folia de Reis, o som do bandolim de João Ferreira, 67 anos, sobressai-se. É um som gostoso e irreverente como nunca ouvi. Como diz *seu* Joãozinho: “É um estribilho florido que enfeita a cantoria da Folia”. O pequeno *seu* Joãozinho, natural de Ribeirão Preto, recebeu a tradição da Folia de Reis através de seus pais, avós e tios. Ele e *seu* Honorato são os mais antigos na Folia de Reis de São Caetano. Eles eram da turma de *seu* Olegário, Chico Carro e *seu* Zé Moisés e começaram na Folia ainda na década de 50. Depois de morar, por mais de 50 anos, ora na Vila Gerty, ora na Vila Palmares, hoje *seu* Joãozinho vive com a filha Claudete, 32 anos, e os netos em Sapopemba. Mas a distância não o fez desistir das apresentações com o grupo de Folia de São Caetano. Mesmo nos ensaios noturnos, *seu* Joãozinho e a filha pegam três ônibus e viajam duas horas para chegar à casa de dona Neusa, na Vila Gerty. “Lá não tem grupo de Folia como o daqui. Já conheço o pessoal há muito tempo. Cheguei a tocar com o Tangará e o Pavão do Norte. Eles morreram e eu continuei. Gosto muito. Não largo de jeito nenhum”, conta, ao lado de sua filha, que toca caixa e

pandeiro e já trás o filho Bruno, 9 anos, para se vestir de marungo. “Eu era de colo quando acompanhava o meu pai na Folia de Reis. Muitos diziam que eu ficaria doente de sair pela noite, mas nada aconteceu, senão que com 7 anos eu já batia o pandeiro. De lá pra cá, só parei quando me casei, porque meu ex-marido não gostava. Hoje sou livre e não largo mais a Folia. Tenho muita fé, pois tudo o que sempre pedi ele me deu em dobro”, relata Claudete.

Quando veio para São Caetano, do interior de São Paulo, *seu* Joãozinho morou um tempo na Vila Prudente e outro na Vila Palmares, onde começou na Folia. Por fim, morou na Vila Gerty, e foi lá que descobriu a Folia de Reis de *seu* Olegário. Era então o início da década de 50. “Quando fui morar na Vila Palmares, conheci o *seu* Zé Moisés, que me viu tocando cavaquinho e gostou. Então me convidou. Foi o meu irmão que me ensinou a tocar o instrumento, antes de falecer. Meu irmão sempre gostou da Folia, tanto que ele foi bastião. Mas eu sempre só toquei instrumentos. E, como eu não tinha um, acabei ficando com o dele. Também aprendi com ele a tocar o bandolim e aperfeiçoei o conhecimento com *seu* Zé Honorato e *seu* Geraldo. Era bonito demais vê-los tocar na companhia do Chico Carro. Sempre gostei de Folia. A primeira vez que vi uma eu era bem pequeno. Devia ter uns 3 anos. Estava na fazenda onde nasci, em Ribeirão Preto. Daquele dia em diante, foi paixão à primeira vista, que não dá para largar”, afirma Joãozinho.

José Honorato Moreira, 86 anos, natural de Carmo do Rio Claro, sul de Minas Gerais, mora em São Caetano desde 7 de agosto de 1948 e acompanha a Folia de Reis desde pequeno. Em Minas, *seu* Zé Honorato viveu muita coisa com o grupo de Folia. “Sou de família de Folia. Meus pais e tios são embaixadores. A gente saía por essas roças e dormia no paiol, no meio do milho, junto com a vaca. Com 9 anos, eu tocava cavaquinho em Minas, nas Folias de Guaranésia, onde morei um tempo”. Depois de adulto, ele resolveu tentar a vida na cidade. Então, com a esposa e os filhos, veio pra cá no final da década de 40, quando São Caetano começava a industrializar-se e a receber migrantes de Minas e do Nordeste. “Vim para São Caetano em 1948. Primeiro sozinho, com um amigo, de caminhão. Morei na casa dele, na Rua Maranhão, por dois dias. Depois, arrumei serviço na Cerâmica São Caetano e trouxe a esposa, com a finalidade de morar e trabalhar. Comecei a trabalhar no mesmo mês e passamos a morar na Vila São José. Nessa época eu pensava: ‘Onde será

que tem Folia aqui?'. Fui encontrar um ano depois, já morando na Vila Gerty. Eu já tinha comprado um bandolim dinâmico sete bocas e, então, pensei: 'Vou sair com a companhia'. Quando vi o grupo na rua, descobri um monte de parente meu que já morava aqui". Em São Caetano, Zé Honorato trabalhou em várias empresas: Matarazzo, Arno e Louças Cláudia. Acompanhou, em 1949, a saída da primeira Folia de Reis de São Caetano do Sul. "Era a Folia de Joaquim Marciliano, *seu* Zé Moisés. Cada ano o grupo passava para um embaixador diferente. Um dos primeiros embaixadores foi o João Branco. Ele era meu parente. Nessa época eu tocava bandolim, cavaquinho. Agora passei para violino. Depois deles vieram o Tangará e o Pavão do Norte. Eles eram uma dupla sertaneja famosa. Chegaram até a gravar disco. Nessa época tinha muita gente no grupo. A toada era diferente, pois cada embaixador tem uma maneira de tocar. E o pessoal era muito treinado. Onde a gente parava, o pessoal gostava, porque a Folia chama a atenção de todos". Segundo Honorato, São Caetano só possuía esse grupo, mas recebia todos os anos a companhia do Baeta. "A maioria já faleceu. Sobrou apenas eu, Joãozinho e *seu* Olegário, que está com a bandeira original. Já passaram muitos embaixadores e eu fiquei. Todo ano eu dou um jeitinho e saio na Folia de Reis, pois desde os 9 anos participo. Esse bandolim que atualmente Joãozinho toca era meu. (...) Não era fácil andar pela cidade. Ela era bem diferente. A Rua Visconde era um triângulo preto, cheio de mato. A Palmares era um trilho, e, para passar para o Rudge, não tinha ponte. Mas, para folião, não tem problema: a gente sempre dá um jeito e vai. Essa é a nossa missão. (...) Passei momentos difíceis quando morei na Vila São José, na década de 50. Uma casa caiu em cima de mim. Era um domingo, e eu trabalhava na Cerâmica". Com o grupo, *seu* Honorato já viajou para Três Corações, Itaú de Minas e Aparecida. "Daquela época para cá muita coisa mudou, principalmente a toada. Muita gente inventa toada, modo de tocar. Hoje bem poucos sabem da original. Os embaixadores antigos tinham uma maneira mais apurada de tocar". Hoje *seu* Honorato toca o violino. Já não canta, pois o fôlego não é o mesmo. "Pretendo continuar até quando Deus deixar. Uma vez saí daqui e toquei em Ribeirão Preto. Mas gosto daqui. A minha esposa, que também era mineira, gostava muito de Folia de Reis. Quando era viva, às vezes ela vinha assistir às apresentações. Nós gostamos muito de São Caetano. A gente se adaptou bem aqui. Minha esposa faleceu aqui e também foi enterrada na cidade".



27

“Vejam só como é bonito
A chegada do Oriente
Os devotos esperando
Dando viva de presente

Encontrei um viva escrito
Desenhado aqui no chão
Dando viva aos Santos Reis

E também aos foliões
Viva a estrela da guia
Nesta hora concebida
Viva o anjo Gabriel
E a Senhora Aparecida” (sic).

(CD Folia de Reis do Baeta Neves.)



28

“Comecei na Folia, com 9 anos, seguindo o meu pai em Guaranésia. Lá a gente ia para a roça, dormia em paiol no meio do milho. Quando vim para São Caetano, pensei que não tivesse Folia aqui. Mas então encontrei *seu* Olegário e, desde aquele tempo, nunca mais deixei a Folia. Para onde vou eu procuro a Folia de Reis, mas sempre volto para o grupo de São Caetano. É aqui que estão os meus amigos”,
confidencia o *seu* Honorato.



29

“Louvado seja meu Deus
Pra sempre seja louvado
Chegamos no Oriente
Terra dos reis coroados

Santos Reis está chegando
No dia 6 de janeiro
Louvando o primeiro arco
A festeira e o festeiro...” (sic).

(Trecho de *Cantando nos Arcos*, do grupo Folia de Reis do Baeta Neves.)

11. Saudades de Maia, seu Benedito e seu Nilton

Foi no dia da chegada da Companhia de Santa Cecília que conheci Maia, 47 anos, nascido em São Caetano. Migrantes vindos de Guaxupé, no início da década de 50, os familiares de Maia vieram para a cidade com a finalidade de trabalhar na Cerâmica São Caetano. Sentado no sofá da casa de dona Neusa, no dia da chegada do grupo, ele se emociona quando relata a paixão do pai, um dos fundadores da Folia na cidade. Maia era então um garoto quando via seu pai colocar o chapéu e se arrumar para ver a Folia de Reis. “Quando chegou aqui meu pai já correu atrás de Folia de Reis. Ele adorava, pois já vinha de uma família de foliões. Participou da Folia de Reis até 1987, antes de sua morte. Ele também só deixou a tradição depois que ensinou para alguns integrantes o toque do violão e do bandolim”. Segundo Maia, o Bairro Nova Gerty (antiga Vila Gerty) e o Bairro São José (este apenas em parte) foram formados por migrantes mineiros, tanto que eram comuns, todos os finais de semana, os terços, as novenas, a catira e o forró no quintal das casas. Inicialmente, o pai de Maia, conhecido como João Branco, participava da Folia do Baeta Neves. Depois, quando *seu* Olegário for-

mou sua companhia, ele passou a freqüentá-la. “Até hoje me lembro de uma vez, na década de 60, quando o meu pai deu almoço em casa. A comida, apesar de simples, pareceu se multiplicar. Deu pra todos e ainda sobrou. São desses milagres da Folia de Reis, que não dá para explicar”.

Ao seu lado está José Miguel Vilaça, 76 anos, amigo antigo do pai de Maia, também vindo de Guaxupé e freqüentador da Folia de Reis de São Caetano na década de 50. “Moro em São Caetano há 56 anos. Vim pra cá em busca de trabalho nas empresas locais. Quando cheguei, meu cunhado, o Chico Carro, já morava aqui. Então, o pessoal começou a se animar para formar uma companhia. Eram todos mineiros. Foi então que Chico Carro, eu e mais alguns amigos formamos uma companhia. Sempre fui bom filho de folião e, como tal, passei a acompanhar o grupo como contralto e tocando bandolim. Naquela época tocavam comigo o Valdeci, o Zé Reis e o João Branco, que era muito bom. Só parei de tocar quando João morreu. Fiquei sentido. Mas sinto saudades. Antigamente, era muito bom: a gente só ia na casa dos amigos. No início da década de 50, havia umas dez casas na Vila Gerty, muito mato e terra. Era penoso, mas, mesmo assim, eu gostava. A gente saía no Sábado e no domingo e amanhecia na rua. O grupo não tinha nome, como os de hoje. Quando nos queriam localizar, diziam: ‘Onde vai o grupo do Miguel ou do Chico?’, e todo mundo sabia”. Segundo sua cronologia, só mais tarde veio o grupo de Pavão do Norte, Tangará e seu Olegário. Aos seus olhos, a tradição está enfraquecendo, porque os mais velhos estão morrendo. “Só os antigos sabiam dar aquela emoção quando cantavam”.

Ao seu lado, Benedito Celso Ribeiro, 62 anos, lembra-se bem dessa época. Ele também é mineiro de São Simão, filho de folião e fez parte de um grupo de Folia de Reis na Vila São José, em 1949, onde morava. “Naquela época não tinha grupo algum na cidade. Então, resolvemos formar um na Vila São José. O nosso não era oficializado porque não tínhamos nem bandeira nem marungos. Mas nós fazíamos o que todos os grupos faziam: íamos a todas as casas da vila. O nosso grupo tinha mais de 15 pessoas e passava em 150 casas”. O grupo contava com seu Benedito, Jair, Geraldo e Wilson, entre outros, e foi formado na casa de dona Madalena (mãe de Wilson). “Não tinha ensaio. Todo mundo era bom no toque dos instrumentos. A gente saía no dia 24 ou no dia 25, às 8 da manhã, e amanhecia na rua. Uma vez, além da Vila São José, cantamos em São João Clímaco. Um carro veio nos buscar. (...)

São Caetano era bem diferente do que é hoje. (...) Na festa de chegada, a gente se juntava ao grupo de Folia da Vila Gerty, do *seu* Olegário, no salão da Associação de Amigos da Vila Gerty, na Visconde". Os três amigos suspiraram ao ver a Companhia de Santa Cecília chegar ao Clube Águias e, como todos, sentem saudades dos amigos de outros tempos e da Folia de outras épocas.



30

“Para cumprir a promessa
Que ofertou pra Santos Reis
Ele veio pra buscar
A promessa de vocês

A promessa do festeiro
Com certeza foi válida
A promessa foi entregue
Lá no céu foi recebida...” (sic).

(Trecho da entrega da promessa da Folia do Baeta Neves.)

12. As histórias da Caixeira dona Maria e da cantora dona Adelina

No dia da chegada da Companhia de Santa Cecília ao Clube Águias, na Vila Gerty, conheci Adelina Luís Bento, 72 anos, ex-cantora do primeiro grupo de Folia de Reis de São Caetano. Conhecida como Delina, ela entrou no grupo por acaso. Um dia ouviu uma vizinha falar que o grupo, então de *seu* Olegário, ia cantar na Vila Palmares. Foi então que, há 20 anos, Delina pegou seu neto e correu para ver a apresentação do grupo. “Deixei meu neto dormindo no sofá da casa e ouvi o pessoal cantar. Quando eles terminaram, um deles me convidou para acompanhar o grupo nas outras casas, e então eu fui. Dali passei a cantar com o genro de *seu* Olegário na parte de trás da companhia, para completar a voz que faltava”. Em época de Reis, o grupo cantava diante das casas mesmo debaixo de sol escaldante ou chuva torrencial. “Naquela época nós fazíamos tudo a pé. Teve momentos de eu andar com a água pela cintura durante as enchentes. Saíamos pela manhã e só retornávamos à noite. Muitas vezes tirávamos o dinheiro ganho para pagar o lanche. Não era fácil, mas até hoje tenho saudades. Todos nos recebiam muito bem. As casas a que íamos eram as mesmas do ano anterior, e, às vezes, as

pessoas nos encontravam na rua e nos convidavam. Desde aquele tempo os bairros mais fortes eram a Vila Palmares, o São José e a Vila Gerty. Quando a gente saía, cada componente do grupo usava uma medalhinha. Quem a possuísse era folião, e assim evitávamos aborrecimentos”.

Junto de dona Delina estava dona Maria, que levava a ferro e fogo as apresentações da Folia de Reis. Em todo o seu tempo de Folia de Reis, Maria José de Lins, 75 anos, nascida na roça de Carmo do Rio Claro, Minas Gerais, uma das mais antigas caixeiras do grupo, moradora há muitos anos da Vila Palmares, não se esquece do dia em que viu pela primeira vez a Folia de Reis de São Caetano. “Religiosa desde a infância, quando nasci minha mãe disse que eu não chorava. Então minha avó colocou um tição de fogo em minha mão, junto com a imagem de Nossa Senhora, e aí me batizaram. Por isso sou protegida e devota dos Santos Reis. (...) Meu pai era folião. (...) Depois de pequena, fui para a cidade e voltei a encontrar a Folia de Reis aqui em São Caetano. Antes disso eu já morava aqui, mas nunca tinha visto Folia. Um dia, há mais de 50 anos, eu estava em casa quando passou o grupo de Folia de *seu* Olegário e Zé Moisés. No segundo ano, eles passaram novamente. Então servi café, lanche e fiquei amiga deles. Passados uns anos, resolvi pegar a caixa e comecei a tocar no grupo. Eu tinha paixão pela caixa. Tinha certeza de que, se eu a pegasse, daria conta”. E foi dito e feito. Um dia, o grupo entrou em uma casa e o caixeiro passou mal. Ele dormiu e deixou a caixa em outra casa. “Então voltei, busquei a caixa e entrei tocando. Foi aí que *seu* Olegário me viu tocando e pediu para que eu acompanhasse o violão. Faz mais de 30 anos que isso aconteceu. (...) Naquela época era tudo difícil ... Era tudo terra ... A gente não tinha ajuda de carro. Tinha de carregar todos os instrumentos e roupas no ombro. Muitas vezes nós fomos aos lugares de caminhão, arriscando furar o pneu, quebrar o automóvel, mas a gente ia muito feliz. (...) Ganhei muita oferta, tanto que consegui fazer duas festas antes da década de 50. Nunca precisei ensaiar. A caixeira tem de ter o ritmo na cabeça, não pode falhar. Deixei de participar há um ano, mas nunca falhei. Mesmo que tenha dores no corpo, é só chegar em dezembro que tudo passa. Quando não pegava a caixa, era o triângulo”.

Nos primeiros tempos da Folia local, dona Maria só via na Vila Palmares o grupo de *seu* Olegário e o pessoal do Baeta Neves. Desses

anos iniciais, ela guarda boas lembranças. A única ruim é a de um incidente ocorrido na casa de João: um rapaz que estava do lado de fora da casa foi assaltado e levou um tiro. “Aí socorreram ele e a companhia continuou. Isso aconteceu no Rudge Ramos”. Dona Maria também conheceu o Tangará, mas isso quando ela ainda não acompanhava o grupo de *seu* Olegário. “Eles passaram em minha casa cantando. Era muito bonito. Naquela época eu só acompanhava, carregando a bandeira, e fazia as festas. Depois de um tempo passei a participar como caixeira. Tinha casa em que não davam nem um copo de água, mas, mesmo assim, a gente cantava. Cheguei a cantar minutos depois de saber que minha irmã havia falecido”. Dona Maria lembra-se de belas histórias da Folia de Reis. Uma das mais especiais é a protagonizada por sua filha, que certa vez quase morreu engasgada com um pedaço de carne. “Para ajudá-la, eu gritei: ‘Meus Três Santos do Oriente!’. Depois, dei um tapa em suas costas. Ela ficou boa na hora. (...) A gente tinha uma missão e devia cumpri-la.”



31

De 24 de dezembro, véspera de Natal, a 6 de janeiro, Dia de Reis, um grupo de cantadores e instrumentistas percorre a cidade entoando versos relativos à visita dos Reis Magos ao Menino Jesus. Passam de porta em porta em busca de oferendas, que podem variar de um prato de comida a uma simples xícara de café. A Folia de Reis, herdada dos colonizadores portugueses e desenvolvida aqui com características próprias, é manifestação de rara beleza. Os preciosos versos são preservados de geração em geração por tradição oral.

13. Seu Onofre: um dos marungos mais antigos

Folia de Reis sem marungo ou palhaço não tem a menor graça. São eles que vão junto da bandeira, com roupas coloridas e espada na mão, animando os espectadores. No cortejo eles sempre andam ao lado da bandeira, protegendo-a. Quando a companhia não se dirige a uma casa certa, ao lado da bandeira eles perguntam aos padrinhos e madrinhas se desejam receber só a bandeira ou a companhia. O nome que os palhaços recebem varia de uma região para a outra. Em Minas Gerais, são denominados marungos; em São Paulo, bastiões ou palhaços. Sempre estão no mínimo em dois e no máximo em três.

A entrada de Onofre Batista, 78 anos, um dos marungos mais antigos da cidade, no grupo de Folia de Reis de São Caetano aconteceu por acaso. Certo dia, faltou um marungo no grupo, e então *seu* Olegário convidou Onofre para juntar-se à trupe, mas não sem antes testá-lo como dançarino. “Eles cantaram: ‘Menino Jesus nasceu, os Três Reis foram visitar’. Aí eu passei a sair com eles. Me olhando dançar, um cantor velho do grupo disse: ‘Esse camarada aí é bastião velho. Ele sabe dançar!’. Eu nunca tinha vestido, mas, como tenho aquele amor e ale-

gria pela manifestação, deu certo. Sempre acreditei também. Tanto que até pedi aos Três Reis Santos pela minha esposa antes de sua operação e consegui passar o Natal com ela". Como bom marungo, *seu* Onofre sabe bem o seu papel no grupo da Folia de Reis. Ele e seus dois companheiros têm a função de distrair o Rei Herodes para que Jesus fique em paz. Fora isso, ele nem precisa pensar muito para dizer quais são as principais funções do bastião. "Fazer a louvação no presépio, coisa que não aprendi com ninguém. Os versinhos eu costumava criar deitado na cama. Quando acabava de decorar, chamava a Maria, minha esposa, para me tomar o texto".

Os marungos têm de obedecer a certas regras. Segundo *seu* Onofre, uma delas é respeitar a casa onde se entra: pode-se chegar brincando, andar-se junto da bandeira, louvar-se o presépio, sem máscara, mas nunca se deve mexer nas coisas da casa. Outro aspecto importante é cantar: não importa para quem e independentemente de receber ou não alguma oferta. Todo esse aprendizado não foi adquirido do dia para a noite, mas acumulado ao longo de mais de 30 anos de experiência como folião na cidade. Natural de Mococa, interior de São Paulo, *seu* Onofre chegou a São Caetano, há cerca de 45 anos, com a mulher, os filhos e as malas na mão. Ele veio para trabalhar em uma empresa de laminação em São Paulo e, ainda hoje, recorda-se de como era bom estar na Folia de Reis de antigamente. "Sempre gostei de Folia de Reis no interior. Um dia - eu era menino - virei para o meu tio e disse que queria colocar a roupa de marungo. Ele me falou que eu era muito pequeno. Nessa época, os 'máscaras', como eram conhecidos os marungos, eram perigosos: sempre brigavam. Já os embaixadores tinham de cantar muito. Quando duas companhias se encontravam era preciso cruzar as bandeiras. Hoje é diferente". Mas, mesmo assim, *seu* Onofre sempre gostou muito de Folia de Reis, tanto que, quando chegou à Vila Palmares, imediatamente tentou encontrar grupos de foliões. "Quando cheguei aqui já tinha o grupo de Folia do *seu* Olegário. Eu morava em um barracão na Vila Palmares. Tinha cada ratão que dava medo! A vida era dura. Como eu não tinha dinheiro, vinha a pé do trabalho e via cada cobra e tatu na rua que só imaginando! Mas sempre tive fé em Deus. Sempre gostei muito da Folia de Reis. Nós não tínhamos nada. Quando os foliões vieram pela primeira vez aqui em casa eu dei almoço para eles, mesmo sem poder. Comprei um garrafão de pinga e outro de vinho

e ofereci a eles. Consegui algumas tábuas e arrumei uma mesa". Nessa época o grupo era grande, e quem 'embaixava' era João Branco. "Eu ainda não era da Folia. Só mais tarde, no tempo do Tangará, eu comecei a me vestir de marungo. Nós íamos para tudo quanto é lugar. Tudo de caminhão Ford caindo aos pedaços", relembra Onofre.

Todo mundo gostava de receber a Folia de Reis. Não havia tanta bebida, era fácil conseguir pouso para a bandeira e, todo dia 6 de janeiro, o grupo participava de festejos em Bom Jesus dos Perdões. No entanto, também havia muitos problemas. De um deles *seu* Onofre nunca mais se esqueceu. "Uma vez deu uma confusão com o ônibus. Ele ficou abandonado com todos os instrumentos e todas as roupas de Folia de Reis na rua. Quando eu descobri, tirei as roupas de lá e trouxe tudo para casa, em três viagens a pé. De lá pra cá, nunca mais nos chamaram para ir a Bom Jesus".

Hoje *seu* Onofre sente que a tradição corre o risco de desaparecer, pois acredita que o pessoal já não tem aquela filosofia de antigamente. "A gente tem de entrar em todas as casas, tanto nas ricas como nas pobres. Não podemos fazer distinção. Nós precisamos cantar onde a pessoa pede, independente de cruzar a bandeira ou não. Aqui é diferente da roça: a cidade tem outra estrutura. A gente tem de pedir perdão para os Três Reis Santos e continuar nossa caminhada", relata. Com efeito, de antigamente para hoje em dia, muita coisa mudou, inclusive o nome do grupo, que, no início, chamava-se Folia de Reis, mas depois passou a chamar-se Companhia de Reis da Vila Gerty.

Outra testemunha do desenvolvimento da Folia de Reis, quer no ABCD, quer no interior de São Paulo, é a esposa de *seu* Onofre, dona Maria, nascida em Guaxupé, sul de Minas Gerais. Moradora, durante boa parte de sua infância, do interior paulista, lá viu muita Folia de Reis. "Desde que nós viemos para cá tem Folia de Reis. Eu nunca acompanhei o Onofre, mas sempre gostei. Minha família saía para tocar na Folia de Reis".



32

“Desde que nós viemos para cá tem Folia de Reis.
Eu nunca acompanhei o Onofre, mas sempre gostei.
Minha família saía para tocar na Folia de Reis”,
conta dona Maria, esposa de *seu* Onofre.



33

O palhaço, com seu jeito cínico e dissimulado, deve proteger o Menino Jesus, confundindo os soldados de Herodes. O seu jeito alegre e suas vestimentas coloridas são responsáveis pela distração e pelo divertimento de quem assiste à performance. Representando o mal, ele usa geralmente máscara confeccionada com pele de animal e vai sempre afastado um pouco da formação normal da Folia, nunca se adiantando à bandeira. Apesar de seu simbolismo sombrio, é personagem alegre que dança e improvisa versos, criando momentos de grande descontração.

14. Wilson, os simbolismos da Bandeira e as lembranças de Tangará e Pavão do Norte

Um dos líderes da Companhia de Santa Cecília é Wilson Maria, 54 anos, natural de São Caetano, mas de família vinda do interior de São Paulo. Ele é o embaixador do grupo e grande conhecedor dos simbolismos da Folia de Reis. Também chamado de mestre, mestre-folião ou capitão, o embaixador é quem lidera a Folia. Por isso, geralmente, é ele uma figura carismática e devota fiel dos Santos Reis. Toda a companhia estrutura-se ao seu redor. O capitão tem de saber cantar, tocar um instrumento, fazer rimas, compor versos, distinguir o que convém a cada situação, além de ter força espiritual. "Acompanho Folia de Reis desde os 7 anos de idade. Meus pais, Benedito Maria (falecido) e Romina Maria Augusta, já eram foliões. Eles vieram de Santa Rosa, da Fazenda Amália, interior de São Paulo, e trouxeram de lá a tradição na década de 40. Lá eles conheceram a dupla sertaneja Tangará e Pavão do Norte, cantadores de Reis que vieram pra cá. Com eles cantaram Reis muito tempo. O grupo sempre ensaiava e saía de minha casa. Nesse tempo todo eu acompanhei o grupo. Conheci a dupla Tangará e Pavão do Norte quando eu era pequeno. Eles vinham até a minha casa com a companhia de

Reis, e todos os anos meus pais me levavam às festas de Santos Reis, nas quais eles cantavam Reis. E, depois da entrega da bandeira, cantavam, para animar a festa, vários ritmos como catira e arrasta-pé. Me lembro também quando foram na minha casa para almoçar: ficaram o dia inteiro. O meu pai, muito feliz, chamava os amigos para ouvir a dupla cantar”.

O embaixador aprendeu a cantar ouvindo os mais velhos e as toadas da mãe. Com 17 anos, Wilson colocou em prática todo esse aprendizado. “Foi nessa época que formamos um grupo, na Vila São José, que nem tinha bandeira, mas todo mundo nos recebia bem. Aquilo me tocava muito. Até que precisamos parar porque o pessoal trabalhava à noite. Paramos com o grupo, e então eu entrei na turma do Pavão do Norte e comecei a cantar lá. Cantei com o Ditão da Vila Inhocunhé, com Mané Matias, João Branco, Mosquinha e Maurício. Com o grupo da Vila Gerty, de *seu* Olegário, cantei até o ano passado. Hoje sou o embaixador da Companhia de Santa Cecília, que é uma continuidade dos antigos grupos de Folia de São Caetano”. Quando vai chegando a época de Reis, Wilson pega o violão e tira os versos. “Dependendo do lugar e da situação, a gente procura cantar cânticos especiais, todos para o Natal e para o nascimento de Jesus. Antes das apresentações nós ensaiamos. O embaixador precisa saber inventar os versos, pois, às vezes, chegamos a uma casa e os donos pedem para que cantemos um verso para a filha que morreu ou para curar uma doença. É tudo feito na hora”. Segundo Wilson, é preciso ter sempre em mente Jesus, Santos Reis e a mãe de Jesus. Esse é o verdadeiro sentido da Folia de Reis.

Tudo, no folguedo, tem significado especial. A fim de compreender esses diversos significados, Wilson fez questão de estudar e pesquisar bem o assunto. Antes das apresentações, gosta de explicar para o grupo o que significa cada símbolo. “Os marungos aparecem em dois, porque em três as pessoas confundem com os Três Reis Magos. Os marungos ou palhaços têm a função de fazer brincadeiras e assustar o Rei Herodes para, assim, os Reis Magos passarem. Eles aparecem pintados na bandeira. Em cada lugar eles recebem um nome. Aqui os chamamos de bastiões, e a função deles é guardar a bandeira. Quando Jesus nasceu, eles leram seu nascimento através das estrelas. Então saíram pelo mundo atrás dele, a mando do Rei Herodes. Esses palhaços iam matar o Menino Jesus, - por isso os marungos usam espadas -, mas,

quando chegaram e viram Jesus, arrependem-se e tiraram a máscara. Por isso, quando chega diante do presépio, o palhaço deve tirar a máscara. Nesse momento, então, o bastião passa de vilão a protetor do Menino Jesus. Aí ele sai pelo mundo anunciando o nascimento do Menino Jesus". Segundo Wilson, nada na Folia é por acaso. Todos os elementos que aparecem na bandeira de Reis têm um significado. "Azul e branco são as cores de Nossa Senhora e, ao mesmo tempo, do céu onde apareceu a estrela do Oriente. O branco representa a fumaça do incenso, o véu de Nossa Senhora, a paz e a pureza. O vermelho significa o incenso, o fogo e a purificação. O verde é a esperança e a dor de Nossa Senhora temendo por seu filho. O verde ainda simboliza a missa, a erva, o remédio e a esperança da volta de Jesus. O amarelo representa o ouro e a realeza dos Três Reis Magos. A cor preta não está na bandeira porque simboliza a destruição, o ódio e o rancor do Rei Herodes". Fora isso, cada presente que os Três Reis Magos carregam e entregam ao Menino Jesus possui significado, e por essa razão também aparecem na bandeira. "Eles entram na manjedoura com ouro, incenso e mirra. Belquior entrega o ouro, que é o símbolo do amor, da riqueza de Deus e de sua divindade. Baltazar entrega o incenso, que significa o sentido da oração. Já a mirra serve para curar as doenças e é um chá amargo, que significa as dores de Nossa Senhora diante das dificuldades, mas é também esperança para toda a humanidade", lembra Wilson. Junto da caravana dos Reis Magos, Herodes manda também os soldados mascarados, portando espadas. São os bastiões, enviados para matar o Menino Jesus. Mas, quando os soldados chegam diante da manjedoura, arrependem-se e resolvem proteger Jesus. Vem daí a tradição de os marungos dançarem e protegerem a bandeira da Folia de Reis. "Os Três Reis se ajoelharam diante do Menino Jesus e reconheceram nele o Deus do amor. Esses Reis foram considerados os primeiros evangelizadores da face da terra". O ritual da Companhia de Santa Cecília é o mesmo todos os anos: os foliões vão às casas, cantam no portão e, depois, pedem para entrar. "Dentro da casa louvamos a casa, os moradores e o presépio. Os bastiões entram de joelhos, pedindo perdão para Jesus. Quem puxa o verso é o embaixador. A gente faz louvor ao Menino Jesus. Também entramos nas igrejas, cantamos nas missas. Simbolicamente, quando entramos em uma casa, somos os Três Reis Magos e os donos da casa são Maria e José. O que oferecemos para eles é nossa mirra, incenso e ouro".



34

“Minha mãe conta que conheceu Pavão quando ele apareceu, na Fazenda Amália, tocando cavaquinho numa Folia de Reis, junto com o pai dele . Nessa época, ele tinha oito anos. Ela também foi criada na mesma fazenda, junto com a dona Leonora, que é a esposa de Pavão do Norte. Sempre foram amigos. Pelo que ela e meu pai contavam, eles eram como irmãos. Depois vieram para São Paulo, tornaram a se encontrar e continuaram a grande amizade. Hoje eu me sinto orgulhoso por saber que Tangará e Pavão do Norte trouxeram a Folia de Reis para São Caetano do Sul”, relata Wilson Maria.



35

“Todos os dias de manhã meu pai ligava na Rádio Piratininga, onde Pavão do Norte e Tangará tinham um programa sertanejo. Antes de ir trabalhar, ele e seus filhos ouviam suas toadas gostosas. Meus pais ficavam muito orgulhosos deles, principalmente porque se haviam conhecido na Fazenda Amália, de Santa Rosa de Viterbo. Há 34 anos, numa manhã, meu pai ligou o rádio para ouvir o Trio Carreiro, mas ficou muito triste, porque ouviu a notícia de que Pavão havia falecido. Todos ficamos muito tristes, mas ficou na lembrança o carinho de um homem que conquistou o coração de nossa família. O saudoso Pavão do Norte (Sebastião), que sempre oferecia modas de viola para meu pai. Tangará faleceu há quatro anos. Nunca tivemos contato com sua família. Ele ficou mais tempo na Folia de Reis. O último ano em que ele cantou em São Caetano foi o de 1997”, lembra Wilson Maria, embaixador da Companhia de Santa Cecília de São Caetano do Sul.

15. De Varginha para São Caetano

Durante mais de sete anos, Mineirinho, como é conhecido, 48 anos, vindo de Elói Mendes, sul de Minas Gerais, na década de 80, para tentar a vida em São Caetano, levou a ferro e fogo a tradição da Folia de Reis. Ia atrás de tudo e organizava a saída do grupo das e a chegada dele às casas da cidade. Mas a Folia está em seu caminho há muito mais do que esses 7 anos. Ele cruzou com a Folia de Reis ainda bem menino, por conta de uma promessa feita por sua mãe em Elói Mendes. "A minha família é de Folia. Meus tios vestiam. Eles são todos da roça. Lá nós andávamos a pé. Se a farda do marungo não estivesse cheia de barro, não tinha graça. Nós dormimos em paiol de milho. Com 7 anos, eu não falava. Então minha mãe, que era devota dos Santos Reis, pediu para eles, fazendo uma promessa de que eu me vestiria de marungo durante 7 anos. Para cumprir a promessa dela, passei a ser marungo por mais de 7 anos. Mas depois bati caixa, corri atrás de patrocínio, organizei o grupo. Eu ia antes para saber onde a bandeira poderia ficar, pois assim a gente não tinha perigo de recusa. Comecei em Varginha e continuei em São Caetano, onde fui folião por 7 anos".

A história de Mineirinho é igual à da maioria dos mineiros vindos para cá a partir da década de 50. Ele veio sozinho, em 1981, para trabalhar em uma retífica. Gostou e quis ficar. “Quando cheguei aqui, já tinha grupo de Folia. Os líderes eram o *seu* Olegário e o *seu* Onofre. Eles nunca permitiram nenhuma transgressão das regras da Folia. Foi o Reinaldo, um dos atuais líderes da Santa Cecília, que me conheceu e me levou para a Folia de Reis”. A Folia de Reis não só fez milagre na fala de Mineirinho, mas também o ajudou a encontrar sua esposa Silvana, igualmente natural de Elói Mendes. Ela já o conhecia, mas, depois de vê-lo vestido de marungo, encantou-se por ele. “Um dia minha mãe me disse que ele estava cantando em uma casa do outro lado da cidade. Aí, não deu outra: algum tempo depois estava ele ali cantando em casa. Nós dois somos de Folia de Reis e foi ela quem nos uniu. Não tem um ano que minha mãe não faça promessa para Santos Reis”, relembra Silvana, que na época tinha 15 anos. Um ano depois, Silvana e Mineirinho estavam casados e vinham para São Caetano em busca de emprego e vida melhor. “Quando viemos para cá, descobrimos a Folia de *seu* Olegário e logo passamos a fazer parte dela. Era na década de 80. Era um tempo bom: havia a perua que nos pegava e o lanche durante a caminhada. Era só chegar o final do ano que a gente já começava a se animar, a fazer a roupa e a ensaiar. A bandeira saía daqui, e, na chegada, todos passavam aqui primeiro e rezavam o terço. Na chegada, nunca deixávamos as igrejas. Era obrigatória a nossa passagem na Candelária e na Matriz. Não tinha uma casa em que não tivesse lanche. Meu menino ficou tão animado que também chegou a sair algumas vezes até cumprir sua promessa. Teve uma vez que eu fui bandeireira. Chegava do serviço e ia atrás do grupo, mesmo cansada”.

Mineirinho lembra-se com saudades dessa época e ressalta alguns episódios especiais que entende como milagres de Santos Reis. “Num certo ano, escolhemos passar primeiro numa casa da Vila Palmares. Quando chegamos, o pessoal tinha acabado de almoçar e já arrumava a comida. Era pouca a comida, pois a casa era bem humilde, mas, mesmo assim, a dona nos ofereceu almoço. Estávamos em 20. Todos comeram e ainda sobrou comida. Foi com certeza o milagre da multiplicação. Naquela época íamos a vários bairros da cidade: Vila Palmares, Boa Vista, Mauá, Vila Gerty, São José e Jardim São Caetano. Cada ano aumentava uma ou duas casas. O pessoal nos via na rua e

pedia a nossa visita. Mais tarde, quando eu não estava mais no grupo, me trouxeram a bandeira em casa e, naquele momento, senti a presença de Deus dentro da minha sala. Mas tivemos momentos de conflito, como em todo grupo. Teve uma vez que eu estava de marungo e as bandeiras brigaram para entrar na igreja. Então, eu arranquei minha roupa de marungo e entrei com a bandeira. A Folia não é de ninguém, mas de todos”.

Mineirinho, por fim, destaca diferenças entre a Folia daqui e a de Minas. “O ritmo é diferente. Aqui se canta antes da entrada na casa; lá, não. Em Minas as apresentações são mais rápidas, porque eles fazem a cidade inteira. Fora isso, lá a bandeira da Folia tem duas faces: a frente dela é quando os Reis saem, mas quando voltam é o verso dela. No dia da chegada, os mineiros viram a face da bandeira. Fora isso, lá eles andam o dia inteiro e, depois, tem o leilão. Não existe a figura do festeiro, como aqui, mas do promesseiro, que faz uma promessa e carrega a bandeira durante todos os dias em prol de seu pedido”.



36

Com sanfona, reco-reco, caixa, pandeiro, chocalho, violão e outros instrumentos seguem os foliões noite adentro, em longas caminhadas. Levam sempre a bandeira (estandarte de madeira ornado com motivos religiosos), à qual tributam especial respeito. Vão liderados por mestre e contramestre, figuras de relevância dentro da Folia por conhecerem os versos.



37

“Era meia-noite em ponto
Bateu asa e cantou o galo
Bateu asa e cantou o galo...” (sic).

16. Uma família de foliões

Típico pai de uma família de Folia, Sebastião Silvério Gonçalves, 61 anos, natural de Guaxupé e morador de São Caetano, a vida inteira participou de Folia de Reis. Sebastião chegou com os pais a São Caetano no início da década de 50. Logo viu o pai procurando por grupos de Folia de Reis. Aqui, depois de adulto, levou toda a família para a Folia da cidade, tanto que seu filho Reinaldo Silvério Gonçalves, que toca há mais de 23 anos na Folia, é um dos líderes da Companhia de Santa Cecília. Hoje ele se lembra como se fosse ontem de quantos grupos recebia em sua casa no final do ano. “Naquela época, o ritmo era parecido com o de hoje. Mas em casa passavam vários grupos de Folia, vindos de muitas cidades da região. Passava a Folia do Chico Carro, a da Vila Gerty de *seu* Olegário, três grupos da Vila Baeta, um da Vila Galvão e outro da Vila Brasilândia. Eles passavam no dobro de casas, e quase todas recebiam, porque naquele tempo a maioria do pessoal era do interior. Atualmente, muita coisa mudou: as novas gerações nem sabem direito o que é Folia de Reis”. *Seu* Sebastião lembra-se direitinho de sua mãe dando almoço para os foliões. “Meu pai já trabalhava na prefeitura

em 1951. Eu cheguei aqui com 10 anos. Veio a minha família inteira. Lá em Guaxupé, meu pai já cantava. Então, quando chegamos aqui, encontramos o grupo da Vila Gerty com o Tangará, Pavão do Norte, Mané Matias. Aí, resolvemos acompanhar. Hoje esse pessoal já faleceu. Aqui só tinha uma Folia de Reis, mas provavelmente no ano que vem haverá duas Folias: a da Santa Cecília e a da Vila Gerty, com o *seu* Olegário". *Seu* Sebastião percebe uma grande influência na Folia de Reis do pessoal vindo do sul de Minas e do interior de São Paulo, principalmente das cidades de Altinópolis e Cravinhos. Fora isso, suas lembranças de infância em Folias de tempos passados nunca lhe deixam a memória. "Até hoje me lembro de uma vez que minha mãe deu o almoço. Naquele dia, os Santos Reis fizeram a comida se multiplicar. Ela fez comida para as seis Folias, e a comida deu para todos. Era tanto cantador que teve cantoria a noite inteira. (...) Eu já me vesti até de bastião, mas sempre preferi só acompanhar. Como aqui não tem função muito definida, todo mundo faz de tudo, porque o grupo não pode parar. Hoje quem continua o legado é o meu filho Reinaldo".

Atualmente, *seu* Sebastião só acompanha as companhias de Reis, especialmente porque seu filho Reinaldo conduz uma. "Recebi isso de tradição. Desde pequeno a gente corria para ver o grupo de Folia que vinha visitar a casa de meus avós. Eles vieram para cá em 1954 e já encontraram grupos aqui. Lembro-me de que passavam 4 ou 5 companhias de Reis na casa da minha família, na Vila Gerty. Foi assim que entrei em uma. Comecei a acompanhar a companhia do Baeta Neves quando a minha avó foi festeira. Eu tinha 13 anos e já comecei a tocar caixa. De lá pra cá nunca parei: todo ano é sagrado", diz Reinaldo. Na Companhia Santa de Cecília, formada há um ano, Reinaldo canta na frente com o embaixador e toca viola. "O grupo tem 24 componentes. A gente nunca tem um número certo: quanto mais, melhor, pois assim o pessoal descansa um pouco. O grupo mais antigo é o do *seu* Olegário, que veio passando de um embaixador para outro". Os ensaios são importantes, mas, segundo Reinaldo, sempre tem gente nova e, para essa gente, é importante passar os conceitos. "Temos sempre gente nova, por isso precisamos ensinar. No dia da saída, rezamos o terço na casa dos festeiros, cantamos para a festeira, abençoando sua promessa. Vamos para Mauá, Santo André e passamos para São Caetano. No dia da chegada, voltamos para a casa dos festeiros e entregamos a promessa deles.

No final, no local da festa montamos três arcos e cantamos em cada um deles. Cantamos no primeiro e no segundo saudando a Virgem Maria e o Menino Jesus, tudo conforme a bíblia”.

A mulher de Reinaldo, Sandra, diz que caiu de pára-quadras dentro da Folia, mas hoje acompanha todas as apresentações e organiza o cronograma do grupo. “Quando conheci o Reinaldo, depois de 3 meses de namoro o meu sogro me chamou para contar sobre a Folia de Reis. Eu nem sabia o que era, mas passei a conhecer. Depois de um tempo, conheci o pessoal da Folia em um dos ensaios: apaixonei-me e hoje organizo tudo”.



38

"Temos sempre gente nova, por isso precisamos ensinar. No dia da saída, rezamos o terço na casa dos festeiros, cantamos para a festeira, abençoando sua promessa. Vamos para Mauá, Santo André e passamos por São Caetano. No dia da chegada, voltamos para a casa dos festeiros e entregamos a promessa deles. No final, no local da festa montamos três arcos e cantamos em cada um deles. Cantamos no primeiro e no segundo saudando a Virgem Maria e o Menino Jesus, tudo conforme a bíblia", conta Reinaldo.



39

Os foliões cumprem promessa de, por 7 anos consecutivos, sair com a Folia e arrecadar, em suas andanças, donativos para realizar, anualmente, no dia 20 de janeiro, Dia de São Sebastião, festa com cantorias e ladainhas.

17. Personagens atuais da Folia de Reis: tudo pela Folia

Toda Folia de Reis começa com os festeiros. Eles são os responsáveis pela organização das apresentações, festas e obrigações da companhia. Em cada região do Brasil, eles recebem denominação própria. Em Minas são chamados de promesseiros, pois fazem promessas e pedem para que o grupo ajude nas doações. Em São Caetano são chamados festeiros, e neste ano (dezembro de 2005/janeiro de 2006) os escolhidos foram José Gonçalves dos Santos e Neusa Honorato dos Santos, ambos de família mineira. O casal está radiante por acompanhar pela primeira vez um grupo de Folia de Reis em São Caetano. “Este é o nosso primeiro ano, mas para mim não é novidade, pois meu avô e meu pai eram foliões em Montes Claros, onde nasci. Eles sempre foram festeiros. Lá nós os chamávamos de promesseiros, pois eles são os donos da promessa. Aqui é diferente. Lá Folia é religião. Desde menino acompanhando Folia, quando cheguei aqui em São Caetano, em 1969, tive medo que não tivesse. Mas, graças a Deus, tinha. Por isso fiquei muito feliz quando me convidaram para ser festeiro”. *Seu* José e dona Neusa moram na Vila Gerty e nunca perdem uma apresentação. “Existe Folia

de Reis em São Caetano há muitos anos. É que elas nunca foram registradas, por isso, ninguém conhece. A primeira vez que vi o grupo do *seu* Olegário, que é o único daqui, foi na década de 80, quando me mudei pra cá. Eles estavam na rua de baixo. Corri até eles e pedi ‘pelo amor de Deus’ para passarem em casa”, relembra.

Segundo *seu* José, o papel do festeiro é fundamental, afinal, é ele que organiza tudo, desde os ensaios até a festa da chegada. Ele vai à frente, com a bandeira. “Ele é o cabeça do grupo. O que o pessoal arrecada nas casas vem para mim, e eu distribuo para a festa. A festa é feita para a comunidade, e tudo o que sobra dela doamos para as instituições da cidade. Graças a Deus, sempre dá para todos”.

Ao lado de José, sentados no sofá da casa, estão dona Iracema e o marido, vizinhos de rua. Eles também herdaram o gosto pela Folia de Reis de seus pais e avós e acompanham a manifestação desde que se mudaram para São Caetano. O marido de dona Iracema, Antônio Formagieri, 71 anos, 44 só de Vila Gerty, é o mais entusiasmado. Natural de Tietê, interior de São Paulo, ele sempre acompanhou os encontros da Folia. “Meus pais acompanhavam a Folia e eu, menino, ia junto com eles. Lá em Tietê era diferente, pois cada bandeira vinha de um lado do rio. Só depois é que se encontravam. Mas a devoção é a mesma. Quando me mudei pra cá, na década de 60, morei no centro da cidade e lá nunca vi Folia de Reis. Só depois que me mudei para a Vila Gerty é que encontrei a Folia, pois eles passavam nas ruas Sílvia, Lourdes, Porto Calvo, Amazonas e Oswaldo Cruz. Também não caiu do céu. Corri atrás de grupos de Folia. Sempre os via pela rua e os acompanhava. Há 30 anos, quem liderava era o Chico Carro. Depois que ele faleceu, a bandeira passou para outra pessoa e saiu da vila. Agora que o Zé foi festeiro, ela voltou para a rua, e, então, resolvemos ajudar. (...) Na década de 60, era diferente. Não era tão organizado como hoje. As ruas eram de terra e havia menos casas. (...) Sinto falta dos dois meninos cantando na frente. Aqui não tem isso. Eles faziam a gente chorar. (...) Folia de Reis é muito importante: ela traz religião, faz a gente acreditar mais em Deus e nos faz lembrar das nossas raízes”.

Outra vizinha, Neube Nonato, 59 anos, moradora da Rua Giovanni Gronchi, lembra-se disso. Ela começou a receber a Folia de Reis em casa há 20 anos, quando o marido, caminhoneiro, ainda era vivo. “Os participantes eram músicos e freqüentavam a igreja da

Candelária e a de São José. Então, resolveram reunir-se e formar o grupo”. Dona Neusa, 83 anos, mãe de Neube e natural de São Carlos, nunca perdeu uma apresentação. “Quando morava em São Carlos, a gente sempre acompanhava. Os grupos passavam à noite, na roça, e era muito bonito. Primeiro, eles começaram a ir à casa das minhas filhas. Depois, vieram até a minha. Sou católica e gosto muito”.

Enquanto falam José, Antônio e Neube, o marungo Marcão, 31 anos, morador de São Caetano há 22 e há 27 bastião, prepara-se para sair com o grupo. Coloca a roupa vermelha de cetim, o lenço e a máscara. Esse é um ritual que ele repete desde menino, quando morava em Cajuru, interior de São Paulo. “Comecei por causa de uma promessa de meu tio. Lá fui o primeiro bastião da cidade. Diz a lenda que quem é bastião tem de ficar durante 7 anos. Gostei tanto que estou até hoje. Estou com o pessoal há 10, mas o grupo já existe há mais de 40. Aqui é como se fôssemos uma família. Não podemos deixar acabar a tradição, afinal, já passamos momentos difíceis aqui. No começo, era tudo complicado; hoje, passamos em 70 ou 80 casas e cada ano aumenta mais”, explica. Segundo Marcão, ser marungo não é tão fácil: é preciso saber as regras, ler os livros e ter os versos na mente e no coração. “Aprendi tudo com o meu tio, embora lá em Cajuru seja diferente daqui. Lá a gente saía às 24 horas do dia 24 e chegava em casa no dia 6. Não tinha como trocar a roupa. Aqui, como todo mundo trabalha, então saímos antes e dormimos em casa”. Fora isso, as lendas relatadas sobre os bastiões também são diferentes. Uma delas é a de que a bandeira desaparecerá se o bastião passar diante dela. Mas, na opinião de Marcão, o mais importante na Folia são as promessas. “Muita gente alcança graças e ficamos muito felizes de saber disso. No dia da saída, estou cheio de fitas; na chegada, todo mundo quer pegar as fitas: isso é a fé”.

O roteiro do grupo é sempre o mesmo: todos saem da casa do festeiro após rezar o terço e vão para Mauá, Santo André e, por fim, São Caetano. Até hoje Marcão se recorda dos acontecimentos curiosos que já presenciou. “Uma vez eu estava de marungo, na Rua Tocantins, quando passamos com a bandeira em frente a um bar. De repente, a porta do bar desceu. Outra coisa é que, quando chove, todo mundo se molha, menos os marungos. Uma vez pegamos uma chuva forte na Palmares e não nos molhamos por dentro. Nenhum dos marungos se molhou. (...) Antes de eu nascer, minha mãe contou que o grupo foi na casa de uma

mulher. Na hora em que a companhia parou de cantar, o joelho da mulher parecia ferida de tanto sangue. Para você ver como é a fé". Os palhaços não podem descuidar-se de seus pertences. Quando chegam a uma casa, se alguém dali pegar suas espadas, eles terão de cantar a noite inteira. "Se na casa tem presépio, nós demoramos lá dentro mais de 30 minutos; se tem promessa, também. E, quando a gente canta para pessoa falecida, a caixa não bate e tiramos a máscara. Na última casa, a gente pede o pouso da bandeira e volta para dormir em nossa casa".

Luís Correa Rocha, 55 anos, colega de Marcão, é um dos cantadores da dupla Mirante e Mirai. Veio do interior de São Paulo para São Caetano em 1970 e aqui descobriu o grupo de *seu* Olegário. "Conheci o pessoal em 1975. Depois, faleceram alguns do grupo, e, então, me afastei. Agora estou retornando. Eu toco viola, violão e faço a requinta em dueto. Agora voltei à ativa, também com o objetivo de encontrar alguém para a minha dupla. Infelizmente, o Mirai morreu no ano passado, e então fiquei sozinho".



40

“Ó di casa, ó di fora
Qui hora tão excelente
É o glorioso Santos Reis
Que é vem do Oriente

Ó de casa, ó de casa
Alegra esse moradô
Que o glorioso Santos Reis
Na sua porta chegô

Aqui está Santos Reis
Meia-noite foras dóra
Procurou vossa morada
Pedino sua ismola

Santos Reis e Nossa Senhora
Foi passeá em Belém
São José pediu esmola
Santos Reis pede também

A esmola que vóis dá
Nois viemo arrecebê
O glorioso Santos Reis
É quem vai agradecê

Santos Reis pede esmola
Não é ouro nem dinheiro
Ele pede um agitoru
Um alimento pros festero

Sôr dono da casa
Vem abri as portaria
Recebê Santos Reis
Com sua nobre Folia

Sôr dono da casa
Alevanta e cende a luz

Vem a ver Santos Reis
O retrato de Jesus

Paremo na sua porta
Com oro na balança
Aqui tamo a sua espera
Da sua determinança

Deus te sarve casa nobre
Nos seus posto tão honrado
Aonde mora gente nobre
Que de Deus é visitado

Deus o sarve a luz do dia
Deus o sarve a claridade
Deus o sarve as três pessoa
Da Santíssima Trindade

Deus o sarve as três pessoa
Com a sua santidade
É três pessoa divina
Aonde nasce a divindade

O sinal da Santa Cruz
É principio de oração
É o principio deste canto
Desta rica invocação

Deus te sarve oratóro
É coluna que Deus fez
Hoje tá visitado
Do glorioso Santos Reis

Deus te sarve oratóro
Cum todo seus ornamento
Deus te sarve as estampinha
E as image qu'estão dentro

Deus te sarve as image
As pequena e as maió
Numa rica divindade
Sincerra em uma só

Sôr dono da casa
Alegra seu coração
Arreceba Santos Reis
Com todo seus folião

Santos Reis desceu do céu
Cortano vento nas asas
Vei pedi um agasaio
Para o dono desta casa

Santos Reis vem girano
Cançadim do trabaio
Procurô vossa morada
Pra pedi um agasaio

Santos Reis veio voano
Nos are fez um remanso
Procurô sua morada
Pra fazê o seu descanso

Sôr dono da casa
Muito alegre deve está
Do glorioso Santos Reis
Hoje vei lhe avisitá

Concluímo este canto
Fazeno o siná da cruz
Pade, Fio, Espírito Santo
Para sempre, amém, Jesus" (sic).

18. O Pessoal do Baeta

Bom tocador e cantador, Pedro Balduino, 53 anos, morador de São Bernardo há 40 anos e natural de Mococa, sul de Minas, este ano veio participar da Companhia de Santa Cecília, em São Caetano, porque o seu grupo do Baeta Neves ficou sem embaixador. Ele e mais 5 integrantes da Folia de Reis do Alto do Baeta, de São Bernardo do Campo, uma das primeiras companhias do ABCD, mantêm a tradição da Folia de Reis desde 1949. E, desde essa época, já tinham o costume de visitar as casas de São Caetano. “Quando cheguei em São Bernardo, já existia o grupo do Baeta. Então, resolvi entrar e fiquei lá até o ano passado, quando o nosso embaixador resolveu mudar-se para Minas Gerais. Agora procuramos outro para colocar em seu lugar, mas não é fácil. Como não ficamos sem sair, resolvemos nos juntar ao grupo de São Caetano, que já são velhos conhecidos. Há 4 anos saímos com esse grupo. Quando venho trago o que posso: às vezes vêm 3 ou 5 componentes”. Dentro do grupo, sua função é tocar caixa e organizar os documentos para as apresentações.

Em São Bernardo, a Folia de Reis é bem conhecida, tanto que o

Departamento de Folclore chegou a patrocinar a gravação de um disco no qual 5 grupos de Folia da cidade tocam. “Lá costumamos sair na véspera do Natal, paramos no dia 6 e fazemos a festa no sábado seguinte ao dia 6. A gente faz a festa sempre no sábado. O nosso roteiro compreende a Vila Linda, São Bernardo e vários bairros de São Caetano. Já temos as casas certas para visitar, mas, às vezes, mais gente pede”. *Seu* Pedro vem percebendo certas diferenças entre a Folia de São Caetano e a de São Bernardo. “Aqui eles cantam em 2 e lá é apenas 1, mas no resto é tudo igual”. No entanto, a maior distinção em relação aos anos anteriores diz respeito ao número de casas visitadas. “Houve uma grande queda, porque as novas gerações não sabem o que é a Folia. Isso fora a falta de patrocínio das autoridades. Infelizmente, muita gente pensa que estamos festejando o Carnaval, o que é uma falta de respeito”, reclama.

O irmão de *seu* Pedro, José Balduino Filho, 57 anos, veste-se de marungo há 27 anos na Folia do Baeta Neves. José Balduino começou na Folia antes do irmão e, como ele, veio de Minas para São Bernardo. “Muitas vezes, quando o nosso pessoal viaja com a bandeira para outra cidade, para não deixarmos a Folia saímos com o grupo de São Caetano. Mas, independentemente disso, desde o começo tiramos 5 dias para cantar em São Caetano, e aqui sempre houve a mesma receptividade. Para mim, o que importa é a fé que temos em Santos Reis”. No entanto, a natureza não deu boa voz a José, de sorte que a única função que ele pode exercer é a de marungo. “Com 7 anos de idade eu já andava dependurado no pescoço de meu pai quando ele saía de marungo. Ele foi marungo por mais de 50 anos. Mas não é fácil ser palhaço, pois é preciso criar versos. Quando chegamos em um presépio, temos de fazer rimas, de falar dentro da escritura e não podemos fugir das regras da Folia de Reis e da bíblia”. A máscara de José veio de Minas. “Fizeram e me mandaram. Para a roupa, a gente compra o tecido, mas é a costureira que confecciona a farda”.

Junto com os irmãos Balduinos veio Juez Figueiredo Gomes, 57 anos, que começou na Folia de Reis com 8 anos, ainda na Bahia, sua terra natal. Ele tem 47 anos de Folia no Baeta Neves. “A Folia de Reis já está no sangue. Meus pais eram do terno de pastorinha, mas de todos os irmãos eu fui o único a seguir esse caminho. Sempre toquei cavaquinho, mas nunca fiz escola nem curso. Aprendi tudo de ouvido (...). O contato com o grupo de São Caetano aconteceu na década de 80, quando

vim pra cá ver uma chegada de Reis. Nesse dia tomei contato com o Tangará e o *seu* Olegário, e então nos convidaram para sair aqui. Agora que estamos sem embaixador, não teve jeito: ficar sem sair é que não pode. Mas peço a Deus que encontremos um embaixador para retomar o nosso grupo. Ser embaixador não é pra qualquer um: é preciso saber improvisar". Segundo Juarez, vida de Folia não é fácil. Algumas vezes acontece de o grupo chegar a determinada casa e o dono não querer receber os foliões. "Quando acontece isso, a bandeira parte para outra casa; afinal, ela não pode parar. Às vezes, a pessoa tornou-se evangélica, e então a gente respeita. Tenho percebido que a tendência da tradição é acabar, porque as novas gerações não estão aprendendo sobre a Folia. Mas espero que ela nunca acabe. Já passei por muitos momentos dentro dela, que para mim significa tudo".

Amigo de Juarez, Geraldo Cândido Magalhães, 71 anos, morador de São Caetano desde 1945 e natural de Guaxupé, sempre gostou muito de Folia de Reis, tanto que desde os 7 anos canta em companhias de Folia. "A tradição vem de Minas. Quando cheguei aqui, pequeno, tive contato com a Folia, mas meus pais já falavam dessa tradição: ela veio no sangue. Eu tive contato com o único grupo da cidade, que era o da Vila Gerty, do *seu* Zé Moisés e de *seu* Olegário. O grupo nasceu no final da década de 40, e eu tocava nele. Naquela época, a gente não ensaiava muito, porque a turma tinha prática. Éramos em 15 participantes, mas a maioria já morreu. A gente tocava na Vila São José, em São João Clímaco e até em São Bernardo. O pessoal tocava melhor antigamente(...). Aqui na Vila Gerty era tudo barro. Quando chovia, a gente saía no barro mesmo: ninguém ligava". Na falta de grupos de Folia de Reis em São Caetano, *seu* Geraldo também cantava com as companhias que vinham de fora e do Baeta Neves. "Nós cantávamos no sábado e no domingo, o dia inteiro, com o pessoal da Vila Inhocunhé e com o Pavão do Norte, porque eles vinham da Zona Norte de São Paulo só no final de semana. Mas eu gostava tanto de Folia que não podia largar". Hoje *seu* Geraldo não perde uma apresentação e sempre conta com a companhia da filha Gisele, que puxa os terços antes de começar o louvor ao presépio.



41

“Santos Reis vai despedindo
Deixando muita saudade
Vai deixando muita bênção
Pro povo desta cidade” (sic).



42

Folia dos reis

(Martinho da Vila)

A 25 de dezembro se reúnem os foliões
E vão pra rua bater caixa à noite, fortões
Lá vai pandeiro, sanfoneiro, violão

Eles só voltam pra casa dia 6
Dia de Reis por 7 anos se repete o ritual
Pra todo canto levam o bem, espantam o mal

vî de casa, vî de fora, vî de casa, vî de fora
Bem de dentro devem estar, os de fora Santos Reis,
Eles vieram visitar, eles vieram visitar

Na Folia tem palhaço que faz verso e diabruras
Representa o tihoso tentador das criaturas
Mas também tem a bandeira, a bandeira do divino
Mais atrás os Reis Magos procurando Deus Menino

Batem lá na sua porta pra pagar uma promessa
Levam mestre e contramestre pra poder cantar à beça
Dia 20 de janeiro eles dão uma festinha
Com viola, violeiro, desafina e ladainha (sic).

**19. A História das irmãs Nena e Maria:
uma cantora e outra bandeireira da Folia de Reis**

A presença feminina no grupo de Folia de Reis de São Caetano sempre foi uma realidade. Desde a época de *seu* Olegário, algumas mulheres já ajudavam nos cantos puxados pelos homens. Naquela época eram poucas, mas hoje são muitas. Na maioria das vezes, tratava-se das mulheres dos foliões e das filhas de alguns simpatizantes da manifestação. Esse é o caso das irmãs Maria Helena Barbosa Carlos, 54 anos, e Iolanda Barbosa de Oliveira (Nena), 56 anos, ambas vindas de Guaxupé, sul de Minas Gerais, na década de 60. As duas irmãs são sem dúvida alguma as mulheres mais apaixonadas que vi dentro da formação atual da Folia de Reis.

Quando chegou aqui, Nena, doméstica, costureira e cantora da Companhia de Santa Cecília, sentia muita falta de acompanhar a Folia de Reis, um legado de seus pais. Procurou até que encontrou um grupo, mas, no início, em 1960, apenas acompanhava as apresentações nas casas dos bairros Vila Gerty e Palmares. “A Folia de Reis está no meu sangue. Meus pais eram festeiros e todos os anos recebiam a Folia. Davam almoço em nossa casa, em Guaxupé. Eu tinha dois tios embai-

xadores. Em Minas, minha mãe costumava acompanhar os grupos e nos levava. Nós morávamos em um sítio, e todos os grupos passavam por lá. Os marungos corriam atrás das galinhas e levavam nossas bonecas. A gente morria de medo. Quando chegamos em São Caetano com minha mãe, nos avisaram do grupo de *seu* Olegário. Então começamos a acompanhar. Meu marido, que é daqui, não gostava muito, por isso eu saía com as crianças, sem ele saber, e acompanhava. Às vezes eu ia no almoço, na chegada. Naquela época tinha uma moça, a dona Adalina, que cantava bonito com os homens. Antes dela teve a Tereza, filha do Chico Carro, e a dona Maria, caixeira. Sempre teve mulher no grupo. Mas, como elas tinham dificuldade para subir a escada, me pediram para começar a cantar. Um dia, eu estava cantando baixinho e, então, me perguntaram. Eu queria cantar e topei”. Com o tempo, começou a soltar a voz, a timidez foi deixada para trás e ela superou as etapas iniciais. “É preciso gostar muito. A gente não tem Natal nem Ano Novo. Tem de deixar tudo para seguir o grupo. Não é fácil, mas adoro estar na Folia de Reis. É muito gratificante. Tem casa em que a gente vê o quanto fazemos bem para as pessoas”.

Não faltam histórias na memória de Nena. Algumas delas, com certeza, nunca serão esquecidas. “Há dois anos teve uma casa em que os donos vieram nos receber ajoelhados. Fiquei sabendo pela mãe que a moça estava grávida e a criança com problemas. Não deu outra: dei uma fita rosa da bandeira. Alguns dias depois, fiquei sabendo que o bebê havia nascido e estava muito bem”. Mas Nena tem percebido mudanças drásticas, de uns anos para cá, nas apresentações da Folia de Reis. “De antigamente para agora observei uma mudança na maneira como as pessoas nos recebem: deu uma queda. Apesar de que aumentou o número de casas que visitamos. Nós cantamos na Vila Paula, Vila Palmares, Gisela, Vila São José, em Mauá e alguns bairros de Santo André. Nós já temos as casas certas para ir, mas acho que falta divulgação”. Muitas vezes, devido à falta de pessoas dispostas a continuar o grupo, além de cantar Nena também costura as roupas. “Comecei costurando a roupa de meu filho e agora faço a de todos os bastiões. A idéia do modelo das roupas eu tiro de observar a dos outros, mas também conto com a memória. Já usei cetim e agora estou fazendo de chitão, porque é o mais tradicional”. Alguns meses antes, Nena já parte em busca dos tecidos. Neste ano ela pediu para uma amiga trazer de

Minas, afinal, lá é o berço da Folia de Reis e o local ideal para comprar as chitas coloridas. Com muita prática e observação, Nena consegue fazer as roupas em três dias, mas, se não tivesse de trabalhar todos os dias, faria em menos tempo. Em relação ao canto, ela ensaia com o grupo pelo menos um mês antes das apresentações. “Nós nos reunimos com o grupo, à noite, alguns dias da semana, para ensaiar, pois tem de estar tudo afinado para as saídas. É importante dar muita atenção ao embaixador: o que ele fala a gente tem de repetir”.

Nena faz parte do grupo de Folia de Reis de São Caetano há mais de 6 anos. Entrou quando resolveu fazer uma promessa para curar a doença do filho. “Sempre fui devota dos Santos Reis, por isso resolvi fazer uma promessa para que meu filho Sidney, então com 6 anos, se curasse de um problema no canal da urina. Um dia depois de sua última operação, com 14 anos, disse a ele que tinha feito essa promessa e gostaria que ele se vestisse de marungo. Na época ele não quis, mas hoje faz 6 anos que ele se veste. Faço as roupas e canto durante as apresentações. Muitas vezes compro os tecidos com meu dinheiro e, antes de costurar, peço a Deus para que dê tudo certo. Não tenho como costurar todos os dias, porque trabalho. Então, faço tudo à noite, geralmente, uma semana antes”.

O filho de Nena, Sidney de Oliveira, hoje com 22 anos, não pensa em abandonar a Folia, que entrou em sua vida através da promessa da mãe. “Tudo o que aprendi foi com o *seu* Onofre e gosto da alegria das pessoas. Fora isso, é emocionante ver as mulheres e os homens que nos recebem. A gente não sabe o que fazer para retribuir tanta energia boa. E olha que o papel do marungo não é fácil! A gente tem de chegar cantando, não pode usar máscara no presépio, tem de estar sempre guardando a bandeira e ficar dançando o tempo todo. É cansativo, mas muito bom. No fim, descansamos certos de que fizemos a nossa função”.

Foi Nena, a irmã mais velha e já casada, que também começou a levar Maria às apresentações da Folia de São Caetano. Já há 15 anos no grupo, Maria, quando começou a freqüentá-lo, logo encontrou um motivo a mais para não deixar a Folia de Reis: a paixão pelo marido. “Sempre acompanhava as apresentações do grupo de *seu* Olegário na cidade. Um dia fui assistir a uma das apresentações quando vi Sebastião Carlos tocando a caixa. Foi paixão à primeira vista. Começamos a con-

versar, namorar, nos casamos e engravidei dentro da Folia. Mesmo grávida eu participava das apresentações, embora ainda não carregasse a bandeira. Me recordo de meu marido no pandeiro e de nosso namoro durante os intervalos da apresentação da Folia. Naquela época não tinha Ano Novo nem Natal: a gente passava essas datas na casa das pessoas, cantando". Pouco tempo depois, seu marido faleceu, e, então, ela se afastou da Folia. "Após a morte dele, fiquei alguns anos longe da Folia de Reis. Eu não conseguia ver outro caixeiro em seu lugar e sempre me lembrava dele. Demorou um pouco para eu me acostumar com a sua falta, mas, um dia, veio um colega me chamar, e então eu fui para nunca mais deixar a Folia de Reis. (...) O ofício de bandeireira é mais fácil, no entanto, é preciso ter traquejo para ele".

A bandeireira carrega a bandeira. Como ela vai adiante de todos, precisa estar sempre com um sorriso nos lábios e com muito bom humor. É na bandeira que vão os pedidos de graça das pessoas, colocados em formato de bilhetes, fotos e fitas coloridas. "Por isso tenho muita responsabilidade: é preciso ter fé, entregar a bandeira à dona da casa e zelar por ela". Maria conta que já presenciou várias graças, inclusive feitas por ela, por isso, sempre se emociona quando carrega a bandeira. "Nela colocam pedidos para cura de saúde, amor e outros problemas. No ano passado pedi pela saúde de um amigo meu e não deu outra: três dias depois o bilhete caiu da bandeira, o que significa que o pedido foi agraciado. Antes eu já havia feito um pedido para que os Santos Reis me ajudassem a tirar as chupetas de minhas filhas. Foi batata!", relembra com lágrimas nos olhos. Durante a passagem da bandeira, várias pessoas beijam-na e nela colocam bilhetes, fotos de família e fitas coloridas, cada um desses objetos encerrando um desejo e uma fé.



43

Nena costurando

“O que eu gosto de fazer é isso: fazer as roupas da Folia de Reis. Isso para mim é uma terapia, além de me fazer lembrar muito da minha família. Na Folia de Reis sempre teve mulher. Antes de mim era a Tereza, filha do Chico Carro. Depois, veio dona Maria, seguida por dona Adalina e por mim”.



44

Nena cantando

“Eu ficava vendo o pessoal cantar e achava bonito. Então, vi eles falando que precisavam chamar algumas mulheres para cantar. Aí comecei a cantar baixinho, eles gostaram e eu fiquei. Com o tempo minha voz foi saindo e cada vez melhora mais. Nunca soube cantar, mas acho que estou ajudando, porque, se a gente não fizer alguma coisa, a tradição vai acabar. Não é todo mundo que abandona tudo para seguir o grupo”.



45

Maria

“Que Jesus dê vida e saúde
Só voltamos para o ano
Só voltamos para o ano...” (sic).



46

"Aqui estamos, aqui estamos
A pedir qualquer lembrança
Dai-nos, dai-nos o que quiser
Tenham pena, tenham pena das crianças" (sic).

20. A Rotina atual de um grupo de Folia

Não são nem 20 horas de uma sexta-feira chuvosa, na última semana de novembro de 2005, e o pessoal da Companhia de Santa Cecília de São Caetano faz seu último ensaio antes da saída no dia 17 de dezembro. Um dos líderes do grupo, Reinaldo Silvério, está correndo atrás da bandeira. Como esse é o primeiro ano da Companhia de Santa Cecília, eles tiveram de fazer uma nova bandeira. “Além disso, precisamos levá-la para receber a bênção do padre antes de sairmos com ela pelas ruas”, relata Reinaldo. No ano passado, eles ainda saíam com a então única e mais antiga companhia de Reis de São Caetano, a da Vila Gerty, liderada por *seu* Olegário. O ensaio foi combinado na casa de dona Neusa e *seu* Zé, os festeiros, na Vila Gerty, exatamente de onde o grupo sai, no início, e para onde volta, na chegada.

Embora a casa seja grande, a sala já está lotada. Além dos 20 integrantes do grupo, vieram ainda os vizinhos. Quem me recebe na porta de entrada é o *seu* José, dono da casa e festeiro. Ele logo me diz que é sua primeira vez de festeiro e que está muito feliz em fazer o papel que *seu* pai e *seu* avô faziam em Montes Claros, norte de Minas Gerais.

Na sala, o presépio caprichado chama a atenção em um canto, não só pela manjedoura enorme, mas também pela bandeira da Folia próxima dele.

Apesar do dia chuvoso, *seu* Joãozinho e a filha chegam cedo, vindos de Sapopemba. Tiveram de pegar dois ônibus, mas, mesmo assim, estão animados. “Não perdemos nenhum ano desde que comecei, em 1956”, relata Joãozinho, já fazendo barulho com o seu bandolim. A filha Claudete exhibe um barrigão de gravidez avançada e também não se faz de rogada. Com o pandeiro na mão, ela está bem animada. Sua única preocupação é com os filhos que deixou em casa. “Não dá para trazer todos. Já imaginou o gasto com ônibus?”, graceja.

Passado um tempo, a sala já está cheia. Num burburinho alegre, músicos afinam seus instrumentos e, aos poucos, começam a ir para um pequeno alpendre na parte de trás da casa. O espaço é pequeno, mas os músicos organizam-se dentro dele, mesmo que apertados. Ao comando de Reinaldo e do embaixador Wilson, a música começa. Na frente, os marungos José Balduino e Marcão fazem os trejeitos do bastião: balançam o corpo e a cabeça. O som do bandolim de *seu* Joãozinho ecoa no espaço e complementa a harmonia com o violino de *seu* Honorato. Na frente está a bandeireira Maria, cuidando do estandarte como se fosse uma continuidade de seu corpo, tendo os festeiros ao seu lado. Durante várias horas a música é repetida: os instrumentos e as vozes estão afinados para manter a harmonia.

Alguns dos vizinhos que acompanham o ensaio emocionam-se e animam-se para me contar como era a Folia de Reis na cidade em que moravam e na família em que viviam. *Seu* Antônio, natural de Tietê, é um deles. Mostra certo brilho nos olhos quando se lembra dos pais acompanhando a Folia. “Me lembro dos meninos cantando com uma voz fina. Era tão bonito... Difícil não se emocionar. Me lembro muito de minha mãe nessas horas”, comenta, ao lado de sua esposa, dona Iracema. Eles já pediram para o grupo passar em sua casa do dia da chegada e combinaram com os festeiros em ajudar na arrumação do salão da festa. Nesse ano o grupo conseguiu o Clube Águias, na Vila Gerty.

Depois de muito ensaiar, já são 22h30: é hora de cada um partir para sua casa e se preparar para o último ensaio no próximo domingo.



47

“Nosso terno está cantando
As violas estão tinindo
Nosso pinheiro brilhando
Com suas folhas luzindo

Meu senhor guia do terno
Vamos lhe apertar a mão
A nós entrega a gaita
Seu tambor e violão” (sic).

21. No domingo

Outro ensaio foi marcado para domingo, às 14 horas, na casa dos festeiros. Vieram todos, inclusive os que não tinham podido vir na sexta-feira, por causa da chuva e do trabalho. Os primeiros a chegar foram o marungo Marcão e seu irmão Paulo. Na sala da casa de dona Neusa e *seu* José, ele já estava vestido com boa parte de sua roupa vermelha de bastião e o chapéu de fitas. Junto dele estavam Reinaldo, sua esposa e o pessoal do Baeta Neves, que se juntou ao grupo pela falta de embaixador. Como de costume, o ensaio estava marcado para as 14 horas, e o pessoal até chegou antes, porque era dia de jogo do Brasil e todo mundo queria ir mais cedo para casa. Cada um que ia chegando seguia para o alpendre da casa dos festeiros: lá já começavam os primeiros acordes. Ensaíram várias vezes a mesma música que cantariam diante do presépio. Depois, resolveram sair pela rua e entrar na casa de dona Iracema e *seu* Antônio, que esperavam ansiosamente a bandeira. Maria, a bandeireira, e os festeiros são os primeiros a entrar na casa. Enquanto dona Iracema beija a bandeira e fica ao lado dos festeiros, o grupo canta a música em homenagem ao nascimento de Jesus

e, em seguida, vai até o presépio que está na sala. Ali os bastiões retiram a máscara e se ajoelham diante do Menino Jesus, postado no presépio. Cada um recita versos de licença e, então, a companhia começa a cantar. Ao final, todos dão “vivas” aos Santos Reis e aos donos da casa. A bandeira é passada por todos os cômodos da casa, como uma espécie de benzedura, e os participantes beijam-na em devoção.



48

O dia da saída geralmente é um sábado pela manhã, dia em que todos estão de folga e podem se dedicar à devoção da Folia de Reis. Em dezembro de 2005, a companhia escolheu o dia 17, às 10 horas. Todos já estavam lá antes das 10 horas, fazendo os últimos preparativos. Nena terminava de costurar a roupa de Bruno, o mais novo bastião da turma. “Como é a primeira vez que faço pra ele, é preciso provar. Mas, com certeza, ficou bom”. Ao lado dela está sua irmã Maria e o filho Sidney, todos devidamente trajados e animados para a saída. Quando o grupo já está completo, é hora de rezar o terço na casa dos festeiros. Todos rezam e aproveitam para recitar o Pai Nosso e a Ave Maria. Agora eles seguem para Mauá. Lá irão para algumas casas, almoçarão e seguirão para Santo André. Só no início de janeiro voltarão para São Caetano e terminarão a chegada na Vila Gerty.



49

Dia da chegada

O horário da chegada estava marcado para as 13 horas, mas o grupo está atrasado, pois já passa das 14 horas. A casa dos festeiros está lotada de devotos que vêm receber a Companhia de Santa Cecília. Quando telefonei para Sandra, ela me diz que eles ainda estão no Jardim São Caetano, tocaram em 2 casas e foram convidados por outras pessoas para tocar também; e o grupo não pode se negar a cantar.

Maia, cozinheiro e também filho de ex-folião, mexia os grandes panelões no alpendre. Desde cedo ele fazia arroz, feijão e carne para receber os foliões e a comunidade na festa de chegada. Entre a cozinha da casa dos festeiros e o salão no Clube Águias, dona Iracema, *seu* Antônio, as irmãs de dona Neusa e outros vizinhos se revezavam levando panelas, copos, pratos e até cadeiras para receber a comunidade. Eram quase 15h30 quando a companhia chegou. Todos entraram cansados, suados e com muita fome. Partiram direto para a cozinha, onde comeram. Em seguida, os que moram perto foram para casa tomar banho e se preparar para a festa de chegada no clube, marcada para as 17 horas. O pessoal do Baeta Neves e de Sapopemba ficou. Alguns aproveitaram para tirar um cochilo no sofá de dona Neusa, enquanto outros se animaram a contar fatos passados. *Seu* Honorato era um deles. Sentado no braço do sofá, começou a relatar-me sua vida em São Caetano e os momentos difíceis vividos na Folia de Reis.

Passadas as horas, o pessoal começou a chegar novamente para ensaiar um pouco e combinar como seria a chegada. Dividiram-se os carros e todos partiram para o Clube Águias, bem próximo da casa dos festeiros. No portão de entrada já havia muita gente esperando o grupo, além de 3 arcos de bambus enfeitados com bandeirinhas coloridas. Enquanto o pessoal ia chegando, o grupo se concentrava antes das bandeirinhas, pois, segundo a tradição, os marungos seguem primeiro e recitam versos específicos em cada arco. Por fim, derrubam os arcos, e, então, a bandeira passa.

Foi o que aconteceu: após malabarismos e acrobacias, os marungos Marcão, Sidney e Bruno recitaram versos e derrubaram os arcos para a bandeira passar. A bandeira e todos os componentes do grupo entraram no salão, onde houve novo ritual, o da entrega da bandeira, pois Maria tinha decidido sair da companhia. Terminado o ritual, começa a festa com muita comida e música. Tudo pago com o dinheiro das doações.



50

“Já cantemo e recantemo
e tornemo a recanta
este Barba de Farelo
não tem nada pra nos dá

Ô Barba de Farelo
Andamo tirando os Reis
Ai, cantando, cantando
Todos os dias, ai
Não precisa dar aos Reis, ai
Ao menos faça a cortesia” (sic).



51

“.....Ai que hora abençoada
Que a bandeira aqui chegou
Ai, ela veio fazer visita a esse nobre
morador

A Folia aqui chegou,
Santos Reis vem visitar,
Está pedindo a sua esmola
Veja lá o que pode dar...” (sic).



52

“Entremos, cantadores, entremos
Por este salão dourado
Eu vou entrando, eu vou salvando,
E para sempre sejas louvado

Os Três Reis do Oriente
Na sombra do seu telhado
Estamos fazendo adoração
Que de Deus somos mandados

Na minha bandeira eu trago
Santo de grande virtude
Ele vem lhe visitar
E vem lhe trazer saúde” (sic).



53

- "Ô patrão, o que é que vós achou de
nossa cantoria?", pergunta
o palhaço matreiro.
- "Boa!", responde o dono da casa.
- "Uai, o senhor não falou nada. Fala
ligeiro senão eu esqueço o que é que eu
falei. Fala ligeiro: O que é que o senhor
achou da cantoria?"
- "Boa!", repete o dono da casa em alto e
bom som.
- "Ah!, então o senhor me dá uma
leitoa?" (sic).



54

“Minha bandeira se despede,
Vai no giro de Belém
Adeus, senhores e senhoras,
Até para o ano que vem” (sic).



55

“...Ora viva e reviva,
Viva o nosso Santos Reis
E Deus Menino no altar.
Ora viva e ora viva nos quatro
Braços da cruz
Viva o nosso Santos Reis
Para sempre
Amém,
Jesus
Viva os Santos Reis!
Viva!
Viva os Foliões!
Viva!
Viva os donos da casa!
Viva!” (sic).



56

Bibliografia

- CASCUDO, Luís Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*: Editora Global, SP.
- CASCUDO, Luís Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*: Editora Global, SP.
- CASCUDO, Luís Câmara. *Locuções tradicionais no Brasil*: Editora Global, SP.
- CARNEIRO, Edson. *Folgedos tradicionais*: Editora Funarte, RJ.
- CÔRTEZ, Gustavo. *Dança, Brasil: festas e danças populares*: Editora Leitura, Belo Horizonte.
- MAYNARD, Alceu Araújo. *Folclore Nacional I* Editora Martins Fontes, SP, 2004.
- MARTINS, José de Souza. *Subúrbio*: Editora Hucitec, São Caetano do Sul, 1992.
- MÉDICI, Ademir. *Migração e Urbanização: Presença de São Caetano do Sul na região do ABC*: Editora Hucitec, São Caetano do Sul, 1993.
- SANTOS, Wanderley dos. *Antecedentes Históricos do ABC paulista: 1550-1892: Prefeitura do Município de São Bernardo do Campo, 1951*.
- TAVARES de Lima, Rossini. *Abecê de Folclore*: Editora Martins Fontes, SP.
- TINHORÃO, José Ramos. *As festas no Brasil colonial*: Editora 34, SP.

Discografia

CD Folia de Reis Alto do Baeta.

Jornais

Diário do Grande ABC
Folha de São Caetano
Jornal de São Caetano
Tribuna de São Caetano
Jornal Vila Gerty
O Arauto do Pentágono
Folha de São Paulo
O Estado de São Paulo

Crédito das imagens

Priscila Gorzoni

Fotos: 1, 5, 11, 15, 16, 17, 19, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55.

Olegário Guerra

Fotos: 2, 6, 7, 8, 9, 10, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26.

Maria Caixeira

Fotos: 3, 31.

Wilson Maria

Foto: 4.

Guia São Paulo

Foto: 8.

Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul

Fotos: 12, 13, 14.

Priscila Gorzoni

Nasci no dia 27 de outubro de 1970, em São Paulo, mas com poucos meses vim para São Caetano do Sul. Aqui moro há 35 anos e me envolvi com a história da cidade. Sou jornalista, escritora, pesquisadora, antropóloga e escultora.

Como repórter fotográfica, escrevo para as revistas Planeta, National Geographic Brasil e Raízes. Atualmente estou escrevendo Os últimos dias de Itueta e Mulheres do Brasil, livros-reportagens que contam um pouco da minha experiência em algumas comunidades brasileiras.

Fundação Pró-Memória
São Caetano do Sul

